

Complexo
Theatro
Municipal
de São Paulo



Temporada
2025
Poética
de Todo
Mundo

Caderno de
Assinaturas





7 Poética
de Todo Mundo

Andrea Caruso Saturnino
Alessandra Costa

11 Abram Alas

Gabriella Di Laccio
Elodie Bouny

12 Temporada
de Óperas



28 Temporada
Orquestra
Sinfônica
Municipal
**Sinfonias
do Mundo**

38 Temporada
**Cantos
Sublimes**

48 Temporada
**Coral
Paulistano**

56 Temporada
**Quarteto
90 Anos**

72 Temporada
**Balé da
Cidade de
São Paulo**

83 Seja um
assinante

84 Vendas
e serviços





Poética de Todo Mundo

Estamos em vias de completar um quarto de século e esse marco parece cravar nossa definitiva entrada no século XXI, com uma geração dos já nascidos nos anos 2000 adentrando no mercado de trabalho e na vida adulta. Essa tangibilidade secular, mais especificamente milenar, tende a nos tirar do transitório, do período de exceção, especialmente reforçado pelos anos da pandemia, e a nos trazer para a concretude do estar.

Nos últimos três anos, vimos trabalhando no Theatro no sentido de criar fluxos com mundos diferentes, abrir frestas para oxigenar nossos fazeres. No âmbito da difusão, o Programa Municipal Circula cresceu e se aprofundou. Conseguimos abranger a totalidade do contorno da área central da cidade, realizando apresentações dos corpos artísticos e de grupos locais. Aprofundamos as profícuas e desejáveis trocas. Em especial, realizamos uma residência artística com o Balé da Cidade de São Paulo (BCSP) e o Ballet Paraisópolis que resultou em uma bem-sucedida abertura de processo para o público. Trouxemos Alejandro Ahmed, artista oriundo da cena da dança independente, para assumir a direção artística do BCSP e, com isso, criamos novos fluxos e despertamos o interesse internacional por essa iniciativa, reposicionando o BCSP na cena de dança contemporânea.

Ampliamos significativamente a presença negra nas nossas produções, convidamos indígenas para encabeçar a criação da ópera *O Guarani*, tendo tido o reconhecimento do público como a melhor montagem operística do ano, no levantamento da revista *Concerto*, e da associação espanhola Ópera XXI, que a escolheu como a melhor produção operística latino-americana de 2023. Aumentamos enormemente o número de obras de compositoras mulheres apresentadas nas temporadas, apresentando ao público um repertório inédito tanto de obras dos séculos passados quanto de contemporâneas.

Instauramos uma política de acervo que tem nos possibilitado revisitar com mais critério os repertórios do passado e nos orientado no bom uso e organização do presente, nos engajando de forma responsável com as gerações futuras. Reativamos a Central Técnica de Produções, valorizando o fazer dos bastidores, promovendo um desenvolvimento artístico mais sustentável e comprometido com o rigor e as inovações técnicas, além de termos instaurado programas de formação de novos técnicos.

No ano de 2025, pretendemos consolidar essas mudanças para que se tornem perenes e façam com que a cara da programação do Theatro no século XXI seja naturalmente diversa, multifacetada, inventiva, colorida e plural.

Em colaboração com as integrantes do Comitê Curatorial convidado, Elodie Bouny e Gabriella Di Laccio, juntamente com a equipe de programação e os diretores dos corpos artísticos, destacamos questões contemporâneas cruciais a serem abordadas na programação de 2025: como conviver em um contexto de tantos extremismos; como mundos diversos podem coabitar e as batalhas por direitos dos marginalizados. Inspirados pelas reflexões do filósofo, poeta e ensaísta martinicano Édouard Glissant, identificamos dois eixos temáticos centrais abordados em seu tratado *O Grito do Mundo*, com o intuito de inspirar nossas propostas.

Referimo-nos, primeiramente, à ideia de *ici-là* (*aqui-lá*), cara ao pensamento de Glissant, que propõe representar a simultaneidade ou coexistência de diferentes lugares, diferentes contextos, temporalidades e realidades, na sua multiplicidade de perspectivas, identidades e experiências que constituem todos nós, bem como o mundo ao qual todos pertencemos, como seres interligados e inter-relacionados no meio de uma pluralidade de histórias, geografias e culturas. Este pensamento propõe uma ruptura com a leitura binária e dicotômica do tempo e do espaço, em favor de uma abordagem aberta, inclusiva e plural.

Em segundo lugar, evocamos suas reflexões sobre a proposta de unicidade. Ao questionar a legitimidade dos nossos espaços isolados, ao mostrar as perversões da filiação, possibilitamos que esses nossos lugares se abram às dimensões do mundo. Sem medo da disponibilidade, da desproporção, de uma forma de irrupção no espaço. Precisamos, a seu ver, admitir a prática do desvio, que não é fuga nem renúncia. Ele fala, de forma mais geral, sobre as máquinas identitárias das quais tantas vezes somos vítimas, como, por exemplo, o direito de sangue, a pureza da raça, a completude, a integridade, o dogma.

Glissant memora a ideia de paisagem, que emprestamos à essa reflexão pela sua pertinente coerência com o nosso universo – do mundo impregnado de paisagens, do casamento de paisagens, do tempo como paisagem. Ele nos convida a uma concepção de mundo que é possibilitada pelo imaginário do mundo, pelas poéticas entrelaçadas que nos permitem adivinhar como nossos lugares se relacionam com os outros, como, sem nos mover, nos aventuramos em outros lugares, e como somos levados adiante nesse movimento inerte. Nesse sentido, como produtores de paisagens sonoras, paisagens imagéticas, paisagens imaginárias, paisagens coletivas, paisagens virtuais, buscamos construir uma programação que compartilhe e faça reverberar no público imagens coerentes com uma cadência multicolorida, com a multiplicidade, enfim, com a diversidade-mundo.

Entre as efemérides do ano, voltamos a um marco significativo – o 80º aniversário do término da Segunda Guerra Mundial. Honramos as cicatrizes desse passado bélico, enquanto enfrentamos os contornos incertos do presente. E, face aos desafios complexos, em um contexto de mudança de paradigmas relacionado ao uso das tecnologias e meios de comunicação, refletimos sobre nosso microcosmos, nossa responsabilidade individual, pensando sobre como melhor aproveitar nossas assimetrias complementares, elaborando modos de pensar e modos de articular que não requeiram resignação.

Por último, em um ano em que teremos uma temporada oficial do Brasil na França e da França no Brasil, evocamos Glissant nos possibilita também mergulhar na sua ideia de valorização e preservação das diferenças

e singularidades culturais dentro de um contexto de interações e hibridizações constantes. Em uma abordagem radicalmente aberta e inclusiva, em que diferenças e pluralidade são celebradas em lugar de serem subjugadas, somos capazes de vislumbrar um mundo onde múltiplas perspectivas e tradições coexistem e se entrelaçam em uma constante construção e recriação de si mesmas. Não se trata de um processo de miscigenação cultural, mas, sim, uma forma de resistência e afirmação da diversidade cultural, para gerar novas formas de expressão e compreensão, fundamentais à construção de sociedades mais inclusivas e plurais.

A temporada de 2025 apresenta-se como um convite à introspecção e à audácia – um chamado para que sigamos com o compromisso de ressoar com as trocas urgentes e necessárias na sociedade. Para que o Theatro Municipal se considere não apenas como consumidor de tradição, mas como agente de transformação, reexaminando e desafiando os padrões arraigados que definem a cultura e a prática artística.

Convidamos a todas e todos a embarcarem conosco nessa bela aventura e a participarem da programação como um todo, constituída tanto pelos espetáculos contidos nesse caderno, que é a série disponível para assinaturas, quanto por muitos outros eventos e acontecimentos, que podem ser acompanhados pelo nosso site e nossas redes.

Andrea Caruso Saturnino

superintendente geral do
Complexo Theatro Municipal

Alessandra Costa

diretora executiva da Sustenidos



Gabriella Di Laccio
soprano e fundadora da
Donne, Women in Music

Elodie Bouny
violonista e compositora

Abram Alas

Nos últimos dois anos, tivemos o privilégio de integrar o Comitê Curatorial do Theatro Municipal de São Paulo. Como artistas comprometidas com a igualdade de gênero e a diversidade na música, nossa missão era clara: unir nossa experiência artística à vontade existente de criar uma programação que refletisse a riqueza e a variedade de vozes musicais há muito marginalizadas.

Esta colaboração uniu o universo de Gabriella Di Laccio, soprano, ativista e fundadora da Donne, Women in Music, com o de Elodie Bouny, violonista e compositora. Um encontro de artistas que inicialmente não se conheciam pessoalmente, mas que se juntaram em um aprendizado constante, compartilhando conhecimentos e expandindo diálogos. Mudanças efetivas ocorreram, com respostas positivas do público e dos membros do Theatro. O fator mais crucial foi a abertura de todos os corpos artísticos para que essa transformação pudesse acontecer.

Após a participação no comitê, surgiu o desejo de criar um evento no Brasil que trouxesse o trabalho da Fundação Donne para as mulheres do Brasil. Este esforço culminou no Abram Alas: A Batalha por Equidade na Indústria Musical, uma colaboração entre a Fundação Donne e o Theatro Municipal. O fórum não apenas discutiu os desafios enfrentados pelas mulheres na indústria musical, mas também celebrou os avanços alcançados e traçou caminhos para um futuro mais equitativo. Foi um evento que revelou, inspirou e movimentou em todos os sentidos.

Para cada uma de nós, esta experiência foi extremamente enriquecedora. Eu, Gabriella, já estava muito engajada com esse comprometimento desde 2018, quando criei, na Inglaterra, a fundação Donne, Women in Music, com o objetivo de alcançar a igualdade de gênero na indústria musical e promover mulheres na música do passado e do presente. Eu, Elodie, violonista e compositora, evolui desde muito nova em ambientes majoritariamente masculinos, e tive que me desconstruir ao longo dos anos. Hoje, sei que esses tipos de evento são cruciais na vida de uma mulher, tanto para poder se expressar, tirar dúvidas e se sentir amparada, e menos isolada diante da falta de visibilidade muitas vezes provocada pela enorme presença masculina no mundo da indústria musical. Sei que saí mudada depois desses dois dias, e com mais ânimo ainda para seguir em frente.

Nossa experiência mostrou que a mudança é possível, mas requer um comprometimento contínuo, um comprometimento da indústria como um todo. É hora de abrir as portas de nossos teatros e salas de concertos para toda a diversidade que ainda está fora dos palcos. A continuidade dessa iniciativa é fundamental. O progresso alcançado nos últimos dois anos é apenas o começo de uma jornada mais longa em direção à verdadeira igualdade na música. O resultado desta transformação será um cenário musical verdadeiramente representativo da riqueza dos nossos talentos.

Temporada
de Óperas



Il Guarany (O Guarani)

Orquestra Sinfônica Municipal

Coro Lírico Municipal

Orquestra e Coro Guarani
do Jaraguá Kyre'y Kuery

Ópera em quatro atos
de **Carlos Gomes**
com libreto de **Antonio Scalvini**
e **Carlo D'Ormeville**

fevereiro

15 e 16 sábado e domingo 17h

18 e 19 terça e quarta 20h

21 sexta 20h

24 e 25 segunda e terça 20h



Roberto Minczuk

direção musical

Ailton Krenak

concepção geral

Cibele Forjaz

direção cênica

Érica Hindrikson

regente do Coro Lírico

Denilson Baniwa

codireção artística
e cenografia

Simone Mina

codireção artística,
cenografia e figurino

Aline Santini

design de luz

David Vera Popygua Ju

Peri (ator)

Zahy Tentehar

Ceci (atriz)

dias 15, 18, 21 e 25

Ivan Magri

Peri

Laura Pisani

Ceci

Bongani Justice Kubheka

Gonzales

dias 16, 19 e 24

Enrique Bravo

Peri

Maria Carla Pino Cury

Ceci

David Marcondes

Gonzales

todas as datas

Lício Bruno

Cacique (Antropólogo)

Andrey Mira

Don Antonio

Guilherme Moreira

Don Alvaro

Carlos Eduardo Santos

Ruy

Orlando Marcos

Pedro

Gustavo Lassen

Alonso

Em 2023, o Theatro Municipal de São Paulo realizou uma montagem inédita de *O Guarani*. Com enorme repercussão e ingressos esgotados, essa produção, com a participação ativa de indígenas em sua concepção, foi sucesso de público e crítica e volta para abrir a temporada de 2025.

Primeira ópera brasileira a atingir reconhecimento internacional e das poucas a permanecer no repertório, *O Guarani*, de Carlos Gomes, narra a história de amor entre a jovem Cecília, filha de um nobre português, e Peri, um indígena da etnia Guarani. Adaptada do romance de mesmo nome do escritor José de Alencar, a obra tem libreto em italiano de Antonio Scalvini e Carlo D'Ormeville.

Filho de um maestro de banda, o campineiro Carlos Gomes demonstrou talento musical desde cedo, o que o levou a prosseguir os estudos em São Paulo e no Rio de Janeiro. Em meados do século XIX, intelectuais brasileiros já discutiam a criação de uma arte nacional e, contemplando a ópera, foi criada em 1857 a Academia Imperial de Música e Ópera Nacional. Foi lá que Carlos Gomes teve oportunidade de reger óperas e, também, aos 25 anos, de compor e estreiar seu primeiro drama lírico, *A Noite do Castelo*. Notando o talento do jovem, Dom Pedro II deu-lhe uma bolsa para que se aperfeiçoasse na Itália.

A temática nacional de *O Guarani*, sua primeira ópera escrita na Itália, justifica-se pela bolsa que ganhava do governo, mas era também reflexo do indianismo romântico, que retratava o indígena como um mítico e puro herói nacional. Foi da Itália que chegaram, em 1870, as notícias do estrondoso sucesso de *O Guarani* no Scala de Milão, transformando Carlos Gomes, do dia para a noite, de um jovem desconhecido em um compositor comentado em várias partes da Europa. O sucesso no Velho Continente repetiu-se no Rio de Janeiro no final do mesmo ano. Com o passar do tempo, Carlos Gomes se tornaria um herói nacional.

Passado, presente e futuro estão postos em cena nessa ousada montagem, que volta ao palco com a mesma equipe que a concebeu. Além do maestro Roberto Minczuk na direção musical, o líder indígena, escritor e ambientalista Ailton Krenak – uma das maiores lideranças do movimento indígena brasileiro – responde pela concepção geral. É de Cibele Forjaz – diretora, iluminadora teatral, docente e pesquisadora – a direção cênica, enquanto o artista visual e curador indígena Denilson Baniwa é responsável pela codireção artística e cenografia.

classificação indicativa

não recomendado para menores
de 12 anos

duração total

180 minutos (com intervalo)

Sala de Espetáculos

Theatro Municipal de São Paulo

Don Giovanni

Orquestra Sinfônica Municipal
Coro Lírico Municipal

Drama jocoso em dois atos
de **Wolfgang Amadeus Mozart**
e libreto de **Lorenzo Da Ponte**

maio

2 sexta 20h

3 e 4 sábado e domingo 17h

6 e 7 terça e quarta 20h

9 sexta 20h

10 sábado 17h



Roberto Minczuk

direção musical

Hugo Possolo

direção cênica

Érica Hindrikson

regente do Coro Lírico

Vera Hamburger

cenografia

Elisa Faulhaber

figurino

dias 2, 4, 7 e 10

Camila Provenzale

Donna Anna

Anibal Mancini

Don Ottavio

Luisa Francesconi

Donna Elvira

Michel de Souza

Leporello

Carla Cottini

Zerlina

Savio Sperandio

Comendador

Fellipe Oliveira

Masetto

dias 3, 6 e 9

Homero Velho

Don Giovanni

Ludmilla Bauerfeldt

Donna Anna

Jabez Lima

Don Ottavio

Monique Galvão

Donna Elvira

Saulo Javan

Leporello

Raquel Paulin

Zerlina

Sergio Righini

Comendador

Rogério Nunes

Masetto

Demais solistas

a serem anunciados

Don Giovanni é uma das grandes parcerias entre Mozart e o libretista Lorenzo Da Ponte. Enquanto apresentava em Praga *As Bodas de Figaro*, primeiro trabalho com Da Ponte, Mozart recebeu uma encomenda de um empresário local para uma nova ópera. O compositor pediu um novo libreto ao poeta e recebeu o texto de *Don Giovanni*, que musicou em 1787 – a terceira parceria entre eles seria *Così Fan Tutte*, de 1790.

Il Dissoluto Punito, ossia il Don Giovanni – literalmente *O Libertino Punido, ou Don Giovanni* – foi escrita em dois atos a partir da lenda espanhola de Don Juan, contada pelo dramaturgo Tirso de Molina no século XVII – embora, ao que tudo indica, Da Ponte tenha tido a ideia ao assistir *Don Giovanni Tenorio*, ópera de Giuseppe Gazzaniga que estreou em Veneza no início de 1787 com libreto de Giovanni Bertati. Ainda que classificada por Mozart como ópera-bufa, trata-se de um *dramma giocoso* que mistura comédia, melodrama e elementos sobrenaturais.

A estreia de *Don Giovanni* em Praga, em outubro de 1787, foi um enorme sucesso de público e crítica. Além da qualidade do texto, é notável a forma como Mozart cria níveis de expressão dramática através de diferentes recursos. Por meio do recitativo seco, por exemplo, o compositor nos dá grandes quantidades de informações sobre o enredo com máxima economia musical. Já o recitativo acompanhado é reservado para momentos de grande emoção, nos quais a orquestra assume um papel dramático e virtualmente “fala” pelos personagens. Há ainda árias memoráveis, como o dueto carregado de ironia e sedução *Là Ci Darem la Mano*, de Don Giovanni e Zerlina, ou ainda a “ária do catálogo” – *Madamina, il Catalogo È Questo* – de Leporello, além da famosa abertura, que introduz os temas importantes da ópera.

Grandiosa, com quase três horas de duração e oito personagens, *Don Giovanni* é considerada uma das mais importantes óperas de todos os tempos. Ainda hoje, quase 250 anos após sua estreia, é um dos títulos mais representados pelas casas de ópera mundo afora. Nada mais natural, portanto, do que tê-la encenada no palco do Theatro Municipal numa nova montagem.

O responsável pela direção cênica será Hugo Possolo, palhaço, ator, dramaturgo e diretor. Com intensa atuação no cenário teatral paulistano, Possolo foi um dos fundadores do grupo Parlapatões de comédia, conjunto premiado que utiliza técnicas circenses e de teatro de rua.

classificação indicativa

a ser anunciada

duração total

190 minutos (com intervalo)

Sala de Espetáculos

Theatro Municipal de São Paulo

double bill

Le Villi (As Fadas)

Orquestra Sinfônica Municipal
Coro Lírico Municipal

Ópera-balé em dois atos
de **Giacomo Puccini**
com libreto de **Ferdinando Fontana**

Friedenstag (Dia de Paz)

Orquestra Sinfônica Municipal
Coro Lírico Municipal

Ópera em um ato
de **Richard Strauss**
com libreto de **Joseph Gregor**

julho

19 e 20 sábado e domingo 17h
22 e 23 terça e quarta 20h
25 sexta 20h
26 e 27 sábado e domingo 17h



Priscila Bomfim
direção musical

André Heller-Lopes
direção cênica

Érica Hindrikson
regente do Coro Lírico

Bia Junqueira
cenografia

Laura Françoze
figurino

Le Villi
(As Fadas)

dias 19, 22, 25 e 27

Rodrigo Esteves
Guglielmo

Gabriella Pace
Anna

Eric Herrero
Roberto

dias 20, 23 e 26

Johnny França
Guglielmo

Daniela Tabernig
Anna

Marcello Vannucci
Roberto

intervalo (20')

Friedenstag
(Dia de Paz)

dias 19, 22, 25 e 27

Leonardo Neiva
Comandante

Eiko Senda
Maria

Eric Herrero
Um Piemontese

dias 20, 23 e 26

Rodrigo Esteves
Comandante

Daniela Tabernig
Maria

Marcello Vannucci
Um Piemontese

Demais solistas
a serem anunciados

Richard Strauss é autor de grandiosos poemas sinfônicos e, também, de óperas. Com enorme talento para a orquestração, a riqueza de cores e as texturas que conseguia extrair da orquestra eram, em grande parte, responsáveis pelo apelo que suas obras tinham junto ao público. No início do século XX, Strauss viu sua popularidade explodir com *Salomé* (1905) e *Elektra* (1909), obras de alta carga psicológica e concepção trágica. Sob o ponto de vista musical, elas avançam até o limiar da atonalidade. Com uma linguagem musical mais calcada na tradição, Strauss seguiu tendo sucesso nas óperas seguintes, como *O Cavaleiro da Rosa* (1911), recentemente apresentada pelo Theatro Municipal de São Paulo.

Strauss nunca se afastou do gênero, mas, quando compôs *Friedenstag* (*Dia de Paz*), em 1936, o mundo já era bem diferente dos dias ingênuos da *Belle Époque*. Em um ato e com curta duração, a obra foi desenvolvida em parceria com Stefan Zweig, com um enredo que se contrapunha ao crescente militarismo e antisemitismo da Alemanha. Como judeu durante a era nazista, no entanto, Zweig era uma escolha impossível como colaborador em qualquer obra que Strauss quisesse que fosse executada. Assim, chegou-se ao nome de Joseph Gregor, que ficou responsável pelo libreto. Após as primeiras apresentações, levou muito tempo até que a ópera voltasse a ser encenada e, mesmo nos dias de hoje, sua fama está longe de se comparar às obras-primas anteriores do compositor.

Nesta nova montagem do Municipal de São Paulo, a obra de Strauss será acompanhada por *Le Villi* (*As Fadas*), ópera-balé em dois atos de Puccini com libreto de Ferdinando Fontana, baseado na mesma história do balé *Giselle*, de Adolphe Adam: uma jovem de coração partido é transformada em uma lendária criatura sobrenatural para se vingar de seu amante infiel, forçando-o a dançar até a morte.

Le Villi é a primeira obra de Puccini para o palco e foi escrita para um concurso. Embora desclassificada, a ópera foi encenada com apoio de admiradores do jovem compositor e, desde a estreia em Milão, em 1884, foi um enorme sucesso. O público apreciou a combinação habilidosa de tradição italiana e elementos wagnerianos, e chamou o autor ao palco diversas vezes. *Le Villi* possui momentos de grande lirismo, incluindo árias que mostram que, desde o início, Puccini tinha o dom para melodias apaixonadas.

Quem assina a direção cênica desta montagem inédita de ambos os títulos é André Heller-Lopes. Professor da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e pesquisador da ópera brasileira, Heller-Lopes tem extensa experiência como diretor cênico de montagens no Brasil e no exterior.

classificação indicativa
a ser anunciada

duração total
170 minutos (com intervalo)

Sala de Espetáculos
Theatro Municipal de São Paulo

Porgy and Bess

Orquestra Sinfônica Municipal
Coral Paulistano
Coro Lírico Municipal

Ópera de **George Gershwin**
com libreto de **DuBose Heyward**

setembro
19 sexta 20h
20 e 21 sábado e domingo 17h
23 e 24 terça e quarta 20h
26 sexta 20h
27 sábado 17h



Roberto Minczuk
direção musical

Grace Passô
direção cênica

Maíra Ferreira
regente do Coral Paulistano

Érica Hindrikson
regente do Coro Lírico

dias 19, 21, 24 e 27

Luiz-Ottavio Faria
Porgy

Latonia Moore
Bess

Bongani Kubheka
Crown

Marly Montoni
Clara

dias 20, 23 e 26

Lorena Pires
Clara

Juliana Taino
Serena

todas as datas

Michel de Souza
Jake

Demais solistas
a serem anunciados

classificação indicativa
a ser anunciada

duração total
230 minutos (com intervalo)

Sala de Espetáculos
Theatro Municipal de São Paulo

George Gershwin segue mais atual do que nunca. O autor norte-americano transitava sem problemas por fronteiras musicais, escrevendo tanto para a Broadway quanto para casas de ópera, criando músicas para as salas de concerto e para os clubes de jazz. São de sua autoria (em parceria com o irmão Ira, letrista) muitas das canções populares mais amadas dos Estados Unidos.

Em 1926, pouco tempo depois de compor obras importantes como *Rhapsody in Blue* e o *Concerto para Piano em Fá*, Gershwin ficou impactado pela leitura do romance *Porgy*, de DuBose Heyward, bem como por uma adaptação teatral do livro. O compositor propôs a Heyward colaborar em uma versão operística, mas a ideia foi sendo adiada por compromissos diversos. O trabalho começou por meio de uma correspondência intensa entre os dois autores, com Ira contribuindo com as letras. Em 1934, Gershwin visitou Charleston, na Carolina do Sul, cidade natal de Heyward, ficando por várias semanas em um chalé para absorver o ambiente afro-americano que inspirara os personagens de *Porgy*. De volta a Nova York, Gershwin continuou a compor enquanto assumia novos compromissos.

A composição foi concluída em 23 de agosto de 1935, e a orquestração, em 2 de setembro. *Porgy and Bess* gira em torno dos moradores de Catfish Row, onde drogas, violência e tempos difíceis formam um pano de fundo para a história de amor entre os personagens-título: Porgy – homem pobre e com uma deficiência física – e Bess, que se encontra sozinha depois que seu amante, Crown, mata um homem enquanto joga e foge. Já em 1922, na ópera de um ato *Blue Monday* (que o Theatro Municipal apresentou com grande sucesso em 2023), Gershwin demonstrou seu talento para o drama e mesclou um enredo com personagens afro-americanos à música sinfônica e jazz. Agora, no entanto, a proposta era mais ambiciosa.

Com mais de duas horas de duração, *Porgy and Bess* estreou em Boston em 1935 só com solistas negros de formação clássica, uma ousadia para a época. Nessa obra envolvente e inovadora, encontram-se também alguns clássicos da canção popular norte-americana, como *Summertime*, *My Man's Gone Now* e *I Got Plenty o' Nuttin*.

A atriz, diretora, roteirista e dramaturga Grace Passô assina a direção cênica. Grace é a primeira dramaturga negra a receber o Prêmio Shell no Brasil. Hoje, é uma profissional premiada por seus trabalhos no cinema e no teatro nacional.

Macbeth

Orquestra Sinfônica Municipal
Coro Lírico Municipal

Ópera de **Giuseppe Verdi**
com libreto de **Francesco Maria Piave**

outubro
31 sexta 20h

novembro
1 sábado 17h
4 e 5 terça e quarta 20h
7 sexta 20h
8 e 9 sábado e domingo 17h

Roberto Minczuk
direção musical

Elisa Ohtake
direção cênica
e cenografia

Érica Hindrikson
regente do Coro Lírico

Marigona Qerkezi (dias 31, 4 e 8)
Olga Maslova (dias 1, 5, 7 e 9)
Lady Macbeth

dias 31, 4, 7 e 9

Craig Colclough
Macbeth

Savio Sperandio
Banquo

Giovanni Tristacci
Macduff

dias 1, 5 e 8

Licio Bruno
Macbeth

Andrey Mira
Banquo

Enrique Bravo
Macduff

Demais solistas
a serem anunciados

classificação indicativa
a ser anunciada

duração total
180 minutos (com intervalo)

Com dezenas de óperas escritas em mais de 50 anos de carreira, que nunca saíram do repertório, o italiano Giuseppe Verdi é um dos mais importantes e amados compositores líricos de todos os tempos. Escrita em quatro atos com libreto italiano de Francesco Maria Piave e acréscimos de Andrea Maffei, *Macbeth* é a primeira ópera de Verdi com texto baseado em Shakespeare. A obra do bardo inglês, no entanto, exercia grande fascínio sobre Verdi, que ainda criaria suas duas óperas finais a partir de textos shakesperianos: *Otelo* serviu de base para a ópera de mesmo nome, em 1887, e *As Alegres Comadres de Windsor* originou *Falstaff* (1893). Um quarto projeto, baseado em *Rei Lear*, não chegou a se concretizar apenas porque Verdi não conseguiu encontrar o libreto adequado.

A primeira versão de *Macbeth* foi escrita para o Teatro della Pergola, em Florença, e estreou em 1847. Mas a versão mais conhecida hoje é a revisada e expandida para uma apresentação francesa em Paris, em 1865. As mudanças incluem uma nova ária para Lady Macbeth no segundo ato, a adição de uma cena de balé (para atender ao gosto do público francês) e a remoção da cena da morte de Macbeth.

Numa carta que se tornou bastante conhecida, Verdi afirma que Lady Macbeth não deve ter uma voz bonita, uma vez que deve retratar o mal de sua personagem. A música escrita para ela, no entanto, é altamente elaborada e dramática, além de difícil tecnicamente. O papel-título, embora não tão complexo, requer igualmente considerável talento dramático.

Apesar de bem recebida em sua estreia, a ópera desapareceu dos palcos por quase cem anos. Parte do problema foi o papel de Lady Macbeth: embora peça Dós altos e até mesmo um Ré bemol, o papel fica muito baixo para a maioria das sopranos. *Macbeth* foi revivida em alemão na década de 1930 e subiu ao palco do Metropolitan Opera em 1959. Desde então, tem tido sucesso contínuo.

É de Elisa Ohtake a direção cênica da montagem. Diretora de teatro e dança, dramaturga e artista plástica, Ohtake é uma artista comprometida em pensar a cena contemporânea a partir do esgarçamento das convenções das linguagens artísticas.

Sala de Espetáculos
Theatro Municipal de São Paulo



Les Indes Galantes

Coral Paulistano

Ópera de **Jean-Philippe Rameau**
com libreto de **Louis Fuzelier**

novembro

26 e 27 quarta e quinta 20h
29 e 30 sábado e domingo 17h

dezembro

2 terça 20h
3 quarta 20h
4 quinta 20h



Leonardo Alarcon
direção musical

Bintou Dembélé
direção cênica
e coreografia

Maíra Ferreira
regente do
Coral Paulistano

classificação indicativa
a ser anunciada

duração total
210 minutos
(com intervalo)

Sala de Espetáculos
Theatro Municipal de São Paulo

Solistas a serem anunciados

A temporada de óperas termina com um título pouco encenado no Brasil, a despeito de sua relevância. *Les Indes Galantes*, de Jean-Philippe Rameau, é uma obra-prima do Iluminismo e será levada ao palco em parceria com o Instituto Francês, celebrando o Ano da França no Brasil.

Denominada *opéra-ballet*, um gênero tipicamente francês do século XVIII, *Les Indes Galantes* é essencialmente um espetáculo de dança com elementos cantados. Segunda obra teatral de Rameau e sua primeira ópera-balé, ela é também um retrato de como o europeu do setecentos via outros povos. O libreto é de Louis Fuzelier, escritor de comédias e autor conhecido à época.

A obra consiste numa sequência de quatro dramas líricos independentes ligados por um tema exposto no Prólogo: o amor une diferentes culturas. Cada um dos dramas, ou atos, é ambientado num lugar "exótico": a Turquia, o Peru, a Pérsia e a América do Norte dão origem, respectivamente, a O Turco Generoso, Os Incas do Peru, As Flores da Pérsia e Os Selvagens da América do Norte.

Em vez de deuses e feiticeiros, personagens habituais no Barroco, temos aqui pessoas "comuns" que se apaixonam. Para essas histórias, Rameau compôs uma música vibrante, de grande variedade melódica e rítmica, bem como grande inventividade harmônica. O Turco Generoso, por exemplo, contém uma cena de tempestade descritiva. Já o Festival do Sol dos incas é retratado por meio de uma música cheia de coros, sinfonias e árias. Os Selvagens, por sua vez, é ambientado em uma floresta norte-americana com personagens nativos.

Les Indes Galantes continha apenas as duas primeiras entradas e o Prólogo em sua estreia, em 23 de agosto de 1735, na Ópera de Paris. Ainda que a crítica tenha se dividido, a obra fez tanto sucesso que em 40 anos seria apresentada mais de 300 vezes em Paris sob diferentes formas.

Recentemente, *Les Indes Galantes* recebeu uma montagem surpreendente na mesma Ópera de Paris. Ela teve direção musical do maestro argentino Leonardo García Alarcón, também cravista e especializado no período barroco, que fundou em 2005 o conjunto Cappella Mediterranea. Já a direção cênica e coreografia foram de Bintou Dembélé, dançarina e coreógrafa pioneira do hip-hop na França e que, desde 2002, dirige sua própria companhia de dança, Rualité. Juntos, eles uniram a dança urbana contemporânea à música sedutora de Rameau. Essa insólita parceria, aclamada internacionalmente, será recriada no palco do Municipal.

Temporada
Orquestra
Sinfônica
Municipal

Sinfonias
do Mundo



Leningrado

Orquestra Sinfônica Municipal

Orquestra Experimental de Repertório

março

28 sexta 20h

29 sábado 17h

Wagner Polistchuk

regência

Sofia Gubaidulina

Fairytale Poem (12')

Dmitri Shostakovich

Sinfonia nº 7 em Dó maior, Op. 60, "Leningrado" (75')



Wagner Polistchuk

Nascida em 1931, Sofia Gubaidulina é uma das mais importantes compositoras da atualidade. Sua obra é marcada por uma experimentação destemida que inclui afinações alternativas, instrumentação incomum e temas espirituais. *Fairytale Poem* foi composto originalmente para um programa de rádio de 1971 baseado em "The Little Piece of Chalk", uma história infantil do escritor tcheco Miloš Macourek. Segundo a compositora, o personagem principal dessa história é um pequeno pedaço de giz que as pessoas usam para escrever em uma lousa. "O giz sonha que desenhará castelos maravilhosos, belos jardins com pavilhões e o mar. Mas, dia após dia, o giz é forçado a escrever palavras chatas, números e formas geométricas na lousa", afirmou a compositora ao comentar a obra.

Trinta anos antes da composição de Gubaidulina, a *Sinfonia nº 7* de Shostakovich deixava um impacto avassalador naqueles que a ouviam. Dedicada à cidade de Leningrado, então sitiada por conta da guerra, a obra estreou em 1942 nos Estados Unidos, com a Orquestra Sinfônica da NBC dirigida por Arturo Toscanini. *Leningrado* tornou-se extremamente popular na Rússia e no Ocidente, como um símbolo da resistência ao totalitarismo e militarismo nazista, sendo ao mesmo tempo um hino patriótico e um grito de guerra para os inimigos do fascismo. No entanto, depois da guerra, a reputação da obra foi se transformando, tanto pela percepção do público de que se tratava de uma propaganda de guerra quanto pela avaliação estética da obra – que os críticos julgaram não apenas inferior à produção do compositor como até mesmo pomposa e prosaica. Com o passar do tempo, no entanto, a obra passou por novas reavaliações e reabilitações. Objetivamente, pode-se dizer que a *Sinfonia nº 7* é uma peça enorme para uma orquestra gigantesca, com quatro movimentos que, juntos, duram mais de 70 minutos. Os movimentos de abertura e encerramento têm estilo monumental, com temas grandiosos e gloriosos, culminando em um clímax quase interminável.

A regência será do maestro Wagner Polistchuk, que é também um premiado trombonista. Polistchuk, que já foi diretor da Camerata Antiqua de Curitiba e regente principal da Orquestra Sinfônica da Universidade de São Paulo (Osusp), é o atual regente titular da Orquestra Experimental de Repertório (OER).

classificação livre para todos os públicos

duração total

90 minutos

(sem intervalo)

Sala de Espetáculos

Theatro Municipal de São Paulo

Clamor pela Paz

Orquestra Sinfônica Municipal

Coral Paulistano

abril

4 sexta 20h

5 sábado 17h

Roberto Minczuk

regência

Fernanda Krug

violino



Fernanda Krug

Ludwig Van Beethoven

Sinfonia nº 7

II. Allegretto (8')

Lili Boulanger

Para o Funeral de um Soldado (8')

Arnold Schönberg

Um Sobrevivente de Varsóvia (8')

John Williams

A Lista de Schindler (4')

Dmitri Shostakovich

Sinfonia nº 13, Op. 113, "Babi Yar"

II. Humor – Allegretto (9')

Krzysztof Penderecki

Trenodía às Vítimas de Hiroshima (8')

Samuel Barber

Adágio para Cordas (8')

Roxanna Panufnik

Três Caminhos para a Paz (12')

Edward Elgar

Variações Enigma nº 9 "Nimrod" (3')

classificação indicativa

livre para todos os públicoss

duração total

90 minutos

(com intervalo)

Sala de Espetáculos

Theatro Municipal

O comovente Allegretto da *Sinfonia nº 7* de Beethoven, obra estreada em 1813 com o próprio compositor conduzindo um concerto beneficente para soldados feridos na Batalha de Hanau, abre este programa, que aborda a temática da guerra e da paz.

Uma das mais talentosas e promissoras compositoras de sua geração, Lili Boulanger morreu jovem, deixando algumas peças notáveis. *Para o Funeral de um Soldado* foi escrita para barítono, coro e orquestra. O texto retoma duas passagens do quarto ato da peça *La Coupe et les Lèvres* (*A Taça e os Lábios*) de Alfred de Musset. Considerada uma das mais importantes obras musicais dedicadas ao Holocausto, *Um Sobrevivente de Varsóvia* é um breve oratório para voz recitante, coro masculino e orquestra escrito por Schönberg em estilo dodecafônico em 1947. Outra das mais célebres obras a abordar o Holocausto, dessa vez no cinema, é *A Lista de Schindler*, filme de Steven Spielberg com trilha sonora de John Williams. A obra terá como solista a violinista Fernanda Krug, integrante da Orquestra Sinfônica Municipal (OSM) e que, além disso, é uma camerista e solista com carreira internacional, já tendo atuado em grupos como Salzburg Chamber Soloists, da Áustria, e Capella Bydgosciensis, da Polônia.

Para baixo, coro e orquestra, a *Sinfonia nº 13* de Shostakovich descreve aspectos da história e da vida soviética

e transforma o massacre de judeus de 1941 pelos nazistas em Babi Yar, perto de Kiev, na Ucrânia, em uma denúncia do antissemitismo. A obra encerra a participação, neste concerto, do excelente baixo brasileiro Savio Sperandio, cuja voz marcante e presença de palco fizeram dele um dos artistas mais requisitados do Brasil, atuando em todos os grandes festivais e salas de concerto nacionais.

De forma crua e até mesmo chocante, o polonês Krzysztof Penderecki faz, em *Trenodía às Vítimas de Hiroshima*, uma canção fúnebre dedicada aos moradores de Hiroshima mortos pelo primeiro uso de uma arma atômica em tempo de guerra. Também uma música fúnebre, porém serena e contemplativa, é o *Adágio para Cordas*, de longe a obra mais conhecida de Samuel Barber. *Três Caminhos para a Paz*, da compositora inglesa Roxanna Panufnik, é um prelúdio orquestral que entrelaça música cristã, judaica e islâmica, movendo-se em direção a uma conclusão homogênea, harmoniosa e alegre. Foi encomendada pela World Orchestra for Peace, que a estreou em Jerusalém, sob a regência de Valery Gergiev, em 19 de outubro de 2008. Com um tema e 14 variações, *Variações Enigma*, de Edward Elgar, procura retratar amigos do compositor. A mais famosa delas, *nº 9, "Nimrod"*, é dedicada ao bom amigo August Jäger, apoio de Elgar nos momentos difíceis.

Harmonias Celestiais

Orquestra Sinfônica Municipal

abril

11 sexta 20h
12 sábado 17h

Camille Pépin

Les Eaux Célestes (10')

Henriette Renié

Concerto para Harpa (20')

Camille Saint-Saëns

Sinfonia nº 3 em Dó menor, Op. 78 (40')

classificação indicativa

livre para todos os públicos

duração total

90 minutos
(com intervalo)

Sala de Espetáculos
Theatro Municipal

Priscila Bomfim

regência

Jennifer Campbell

harpa

Nascida em 1990, Camille Pépin é uma das jovens compositoras de maior destaque da França na atualidade. Aluna brilhante do Conservatório de Paris, ganhou diversos prêmios nacionais e tem suas obras tocadas por todas as grandes orquestras francesas, bem como pela Sinfônica da BBC e Sinfônica da Rádio de Frankfurt, entre outras. Em 2023, Camille Pépin lançou o álbum *Les Eaux Célestes (Águas Celestiais)*, reunindo um conjunto de obras inspiradas no cosmos e interpretadas pela Orquestra Nacional de Lyon. Resultado de uma rica exploração de cores e espaços celestes, as cinco peças possuem diferentes formações, de orquestra de câmara a sinfônica. A obra *Les Eaux Célestes*, que dá nome ao disco, é uma espécie de poema sinfônico, com quatro movimentos contando os diferentes capítulos de uma lenda chinesa, numa escrita que faz referências explícitas a Debussy.

A segunda parte do programa apresenta a música de Henriette Renié (1875-1956), harpista e compositora conhecida por suas muitas criações e transcrições para o instrumento, além de ter escrito um método para harpa usado ainda hoje. Criança-prodígio (chegou a tocar para o imperador D. Pedro II), instrumentista virtuose e professora altamente reputada, Renié escreveu em 1901 seu *Concerto para Harpa*, um marco



Priscila Bomfim



Jennifer Campbell

tanto para o repertório do instrumento quanto para o reconhecimento das mulheres enquanto compositoras. A obra ajudou a estabelecer a harpa como instrumento solo e inspirou compositores como Gabriel Pierné, Claude Debussy e Maurice Ravel a escrever para o instrumento.

Quem interpreta o *Concerto* de Henriette Renié é Jennifer Campbell, exímia solista escocesa, vencedora de prêmios internacionais e que, desde 2014, é harpista solista da Orquestra Sinfônica do Theatro Municipal de São Paulo.

A regência é de Priscila Bomfim, maestra do Theatro Municipal do Rio de Janeiro e que tem desenvolvido intensa atividade como regente de música sinfônica e de óperas pelo Brasil.

Entre-eras: Price e Chopin

Orquestra Sinfônica Municipal

junho

13 sexta 20h
14 sábado 17h

Mélanie Léonard

regência

Ingrid Uemura

piano

Jessie Montgomery

Starburst (3')

Chopin

Concerto para Piano nº 2 (46')

Florence Price

Sinfonia nº 1 (40')

classificação indicativa

livre para todos os públicos

duração total

110 minutos
(com intervalo)

Sala de Espetáculos
Theatro Municipal



Mélanie Léonard



Ingrid Uemura

Nascida em Montreal, Mélanie Léonard é diretora musical da Sinfônica de New Brunswick. Já ocupou cargos em outras orquestras canadenses e, como regente convidada, esteve à frente da Montreal Symphony Orchestra e Les Violons du Roy, entre outras. Em 2014, Mélanie Léonard fundou o Wild West New Music Ensemble em Calgary, bem como o Calgary New Music Festival. À frente da Sinfônica Municipal, ela rege obras de Chopin e de duas compositoras negras.

Também violinista e educadora, Jessie Montgomery entrelaça música clássica com improvisação, poesia e consciência social, o que faz dela uma intérprete do som e da experiência norte-americanas do século XXI. A compositora tem obras executadas regularmente por orquestras e conjuntos importantes ao redor do mundo. *Starburst* é uma peça breve para orquestra de cordas construída como um jogo de cores musicais em rápida mudança: gestos explosivos são justapostos com melodias suaves e fugazes, em uma tentativa de criar uma paisagem sonora multidimensional.

Chopin escreveu dois concertos para piano e orquestra, e ambos são obras de juventude, além de ser das poucas composições não dedicadas ao piano solo. Seus concertos se afastam do modelo mozartiano, em que orquestra e piano estabelecem um engenhoso

diálogo, para priorizar o papel deste último. O *Concerto nº 2*, ao contrário de sua indicação numérica, foi o primeiro a ser composto. Menos extenso e mais rico em contraste do que o *nº 1*, a obra ocupou o lugar de honra no programa que marcou a estreia parisiense do compositor, em 26 de fevereiro de 1832. Quem o interpreta é a jovem pianista Ingrid Uemura, vencedora da primeira edição do Concurso Nacional Chopin, realizado em 2024. Ingrid integrou a classe de piano da Escola de Música do Estado de São Paulo (Emesp Tom Jobim) como aluna do pianista Luiz Guilherme Pozzi, por quem ainda é orientada.

Florence Price tem sido lembrada como a primeira compositora negra norte-americana a ter uma sinfonia estreada por uma grande orquestra, bem como por deixar um corpo de obras considerável, no qual estão incluídas quatro sinfonias. Em 1932, ela se inscreveu no Rodman Wanamaker Competition e conquistou o primeiro lugar com sua *Sinfonia nº 1*. O prêmio chamou atenção do diretor musical da Sinfônica de Chicago, que fez a estreia mundial da obra em junho de 1933. O histórico concerto, intitulado *The Negro in Music*, também incluiu obras de Harry T. Burleigh, Roland Hayes e Samuel Coleridge-Taylor. Para o *Chicago Daily News*, a sinfonia de Florence Price era "impecável, uma obra que passa sua própria mensagem com moderação e com paixão".

Mahler: Ode à Natureza

Orquestra Sinfônica Municipal
Coral Paulistano

junho

20 sexta 20h
21 sábado 17h

Roberto Minczuk
regência

Carolina Faria
mezzo soprano

Gustav Mahler
Sinfonia n.º 3 (100')

De um autor pouco conhecido em sua época para um dos compositores mais executados na atualidade: em 25 anos de uma produtividade surpreendente, Gustav Mahler criou todo um universo de emoções na música. Em suas 45 canções e 10 sinfonias, mergulha nas profundezas da alma humana. Suas obras orquestrais são hoje presença obrigatória nas salas de concerto de todo o mundo.

Atuando na maior parte da vida como um importante regente em Viena, Mahler aproveitava os verões para se ausentar da cidade e se dedicar à composição. A *Sinfonia n.º 3* foi iniciada em 1893 e concluída três anos depois. Com seis movimentos, é a obra mais longa de Mahler e a sinfonia mais longa do repertório, com cerca de 100 minutos de duração. O próprio compositor dividiu a obra em duas partes.

O primeiro movimento, sozinho, com mais de meia hora de duração, forma a primeira parte. A segunda compreende os outros cinco. O grupo das quatro primeiras sinfonias de Mahler é marcado pela presença da literatura. O compositor redigiu programas para explicar a narrativa das três primeiras, antes de rejeitá-los. Mahler não chegou a divulgar esses textos para o público, mas compartilhou suas ideias com vários amigos ao longo do processo



Carolina Faria

de escrita. Resumidamente, o programa da *Sinfonia n.º 3* consiste em um título evocativo para cada um dos seis movimentos: *Chega o Verão, O que Me Dizem as Flores do Campo, O que Me Dizem os Animais da Floresta, O que Me Dizem os Homens, O que Me Dizem os Anjos e O que Me Diz o Amor.*

Mahler, que já havia utilizado a voz no movimento final de sua segunda sinfonia, o faz novamente nessa obra que pede, no quarto e quinto movimentos, um coro feminino, um coro infantil e uma solista. Tais partes serão executadas, respectivamente, pelo Coral Paulistano e pela mezzo soprano Carolina Faria. Bacharel em canto pela Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Carolina iniciou sua vida artística aos 19 anos no coro do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, onde estreou como solista, alguns anos depois, na ópera *Capuleti e i Montecchi* de Bellini. Ela se apresenta regularmente nas principais salas de concerto e ópera brasileiras, além de lecionar canto e atuar como professora no Festival de Ópera do Theatro da Paz de Belém do Pará.

É o maestro Roberto Minczuk, titular da OSM, quem rege o programa.

Scheherazade

Orquestra Sinfônica Municipal

novembro

14 sexta 20h
15 sábado 17h

JoAnn Falletta
regência

Denise de Freitas
mezzo soprano

Ellen Zwilich

Concerto Grosso 1985 (13')

Maurice Ravel
Shéhérazade (15')

Nikolai Rimsky-Korsakov
Scheherazade (50')

classificação indicativa
livre para todos os públicos

duração total
105 minutos
(com intervalo)

Sala de Espetáculos
Theatro Municipal



JoAnn Falletta



Denise de Freitas

Diretora musical da Buffalo Philharmonic, a norte-americana JoAnn Falletta é uma veterana dos palcos que desbravou caminhos na regência para as mulheres. Com mais de cem discos gravados e alguns Grammy no currículo, ela atua como regente convidada por todo o mundo. JoAnn Falletta esteve no Brasil pela primeira vez em 2023, e volta para conduzir novamente a Orquestra Sinfônica Municipal (OSM).

Aos 85 anos, Ellen Zwilich é considerada uma das principais compositoras norte-americanas, e foi a primeira mulher a ganhar o Prêmio Pulitzer de Música. O *Concerto Grosso 1985* é uma obra para orquestra de câmara encomendada pelo Washington Friends of Handel, em comemoração ao 300º aniversário de nascimento do compositor. A obra cita literalmente o tema do primeiro movimento da *Sonata para Violino em Ré maior* (HWV 371) de George Frideric Handel, e teve sua estreia mundial com a Handel Festival Orchestra em maio de 1986.

Shéhérazade é o título de duas obras do compositor francês Maurice Ravel. Ambas têm origem no fascínio do compositor por Scheherazade, a heroína narradora das *Mil e uma Noites*. A primeira obra, uma abertura escrita em 1898, é a primeira peça orquestral sobrevivente de Ravel. Quatro anos

depois, ele teve um sucesso muito maior com um ciclo de canções com o mesmo título. Nos primeiros anos do século XX, Ravel conheceu o poeta Tristan Klingsor, que publicara uma coleção de poemas em verso livre sob o título *Shéhérazade*, inspirados pela suite sinfônica homônima de Rimsky-Korsakov. Escrito para voz e orquestra, a *Shéhérazade* que ouviremos neste programa é um ciclo de três canções, aqui interpretadas por Denise de Freitas. Artista de grande expressividade musical e cênica, ganhadora de diversos prêmios, Denise é umas das mais importantes mezzo sopranos brasileiras em atividade. Com apresentações nas mais renomadas salas do Brasil, tornou-se intérprete dos grandes personagens para seu registro vocal.

Nada mais adequado do que encerrar o concerto com *Scheherazade*, a suite sinfônica composta por Nikolai Rimsky-Korsakov em 1888, igualmente baseada no livro *Mil e uma Noites*. A obra se destaca pela sedução dos temas e o colorido da orquestração, e é considerada a composição mais popular de Rimsky-Korsakov, tendo sido também transformada em balé, em 1910, por Michel Fokine.



Março							Abril						
s	t	q	q	s	s	d	s	t	q	q	s	s	d
					1	2	Clamor pela Paz	2	3	4 ^{20h}	5 ^{17h}	6	
3	4	5	6	7	8	9	7	8	9	10	11 ^{20h}	12 ^{17h}	13
10	11	12	13	14	15	16	14	15	Harmonias Celestiais	18	19	20	
17	18	Leningrado		22	23	21	22	23	24	25	26	27	
24	25	26	27	28 ^{20h}	29 ^{17h}	30	28	29	30				
31													
Junho							Novembro						
s	t	q	q	s	s	d	s	t	q	q	s	s	d
						1						1	2
2	3	Entre-eras: Price e Chopin		7	8	3	4	5	6	7	8	9	
9	10	11	12	13 ^{20h}	14 ^{17h}	15	10	Scheherazade		14 ^{20h}	15 ^{17h}	16	
16	Mahler: Ode à Natureza		19	20 ^{20h}	21 ^{17h}	22	17	18	19	20	21	22	23
23	24	25	26	27	28	29	24	25	26	27	28	29	30
30							31						

● Série Abaporu 2025 ● Série Macunaíma 2025

Preços

setor 1	setor 2	setor 3
inteira R\$ 357,00	inteira R\$ 234,60	inteira R\$ 66,30
meia R\$ 178,50	meia R\$ 117,30	meia R\$ 33,15

Temporada Cantos Sublimes



Érica Hindrikson
regente titular interina
do Coro Lírico Municipal

O Theatro Municipal de São Paulo anuncia, com muita alegria, uma nova série para 2025 que vai destacar um repertório bastante apreciado no mundo todo: a música vocal.

A série Cantos Sublimes foi pensada para proporcionar a seus assinantes a apreciação do repertório para vozes de forma ampla, incluindo desde música *a cappella* ou com piano até obras grandiosas para coro e orquestra.

São seis programas totalmente dedicados à música vocal, com destaque para Spirituals – repertório vibrante que sempre agrada os ouvintes –, e Bizet e seus Contemporâneos, que terá a participação de solistas da Academia de Ópera de Paris, além de três grandes e importantes obras do século XX para coro e orquestra: *War Requiem*, de Benjamin Britten, *Cantata Alexander Nevsky*, de Serge Prokofiev, e *Missa*, de Leonard Bernstein.

O Coro Lírico Municipal, o Coral Paulistano, solistas, pianistas e a Orquestra Sinfônica Municipal participam desta série que vai mesclar leveza, virtuosismo e potência em seis programas incríveis e imperdíveis.

Tributo a Secos e Molhados

Coral Paulistano
Orquestra Sinfônica Municipal



Otávio Juliano



João Ricardo

maio
16 sexta 20h
17 sábado 17h

Maíra Ferreira
regência

Otávio Juliano
concepção

João Ricardo
solista homenageado

Sangue Latino
O Vira
O Patrão Nosso de Cada Dia
Amor
Primavera nos Dentes
Mulher Barriguda
El Rey
Rosa de Hiroshima
Rondó do Capitão
As Andorinhas
Fala
Flores Astrais
O Hierofante
Doce e Amargo
Toada & Rock & Mambo
& Tango & etc.

classificação indicativa
livre para todos os públicos

duração total
a ser anunciada

Sala de Espetáculos
Theatro Municipal

Em 1970, o cantor e compositor João Ricardo estava em Ubatuba e se deparou com um armazém cuja placa indicava “secos e molhados”. Os dizeres lhe chamaram a atenção, e imaginou que seria um excelente nome para sua banda. No ano seguinte, formou-a com Ney Matogrosso e Gérson Conrad e, em 23 de maio 1973, a nova banda entrou em estúdio para gravar seu primeiro disco: *Secos e Molhados*. A impactante capa desse trabalho, de autoria do fotógrafo Antonio Carlos Rodrigues, foi eleita em 2000 pelo jornal *Folha de S. Paulo* como a melhor já produzida no país. Secos e Molhados amalgamou estilos musicais como folk, pop, glam rock, free jazz, rock progressivo e baião, o que possibilitou a conquista de fãs de gêneros musicais completamente distintos, inclusive os admiradores do mundo underground. Com a maioria dos arranjos escritos por Zé Rodrix, Secos e Molhados utilizava instrumentos elétricos, tinha um forte apelo cênico em suas performances e uma estreita relação com a poesia. Neste concerto, em que o Coral Paulistano apresenta as canções desse icônico disco de estreia da banda, ouviremos vertidos em música poemas de Cassiano Ricardo, Manuel Bandeira, Vinicius de Moraes e João Apolinário, pai de João Ricardo.

War Requiem

Orquestra Sinfônica Municipal
Coro Lírico Municipal
Coral Paulistano

junho
6 sexta 20h
7 sábado 17h

Roberto Minczuk
regência

Benjamin Britten
Réquiem de Guerra, Op. 66 (75')

classificação indicativa
livre para todos os públicos

duração total
80 minutos (sem intervalo)

Sala de Espetáculos
Theatro Municipal

Este concerto é uma oportunidade de ouvir uma das obras mais marcantes do século XX. Concluído em janeiro de 1962, o *Réquiem de Guerra*, de Benjamin Britten, foi escrito para a consagração da nova catedral de Coventry, no condado inglês de Warwickshire, construída após a estrutura original do século XIV ter sido destruída em um bombardeio da Segunda Guerra Mundial. Composta para soprano, tenor e barítono, coro adulto e infantil, órgão e duas orquestras (uma completa e uma de câmara), esta é uma obra de larga escala que incorpora as crenças pacifistas e humanitárias de Benjamin Britten.

Britten intercala a configuração tradicional da missa de réquiem com poemas de Wilfred Owen, um dos maiores poetas da Primeira Guerra Mundial. Owen foi morto em combate sete dias antes do armistício, e isso enfatizou ainda mais o tema central do compositor – o desperdício criminoso de vidas humanas em conflitos fúteis. Britten usa nove poemas de Owen que formam uma espécie de ciclo de canções, que entra e sai das seções formais da missa latina, resultando em contrastes e ironias sutis e poderosos. A orquestra de câmara acompanha os cenários íntimos da poesia inglesa, enquanto soprano, coros e orquestra são usados para as seções da missa. O resultado é uma das obras mais comoventes e pessoais dos tempos modernos, considerada por muitos a obra-prima de Britten na esfera não operística.

Uma série de forças se une para interpretar a obra: além da Sinfônica Municipal, os corais Lírico e Paulistano serão regidos pelo maestro Roberto Minczuk.

Spirituals

Coral Paulistano

agosto
5 terça 20h

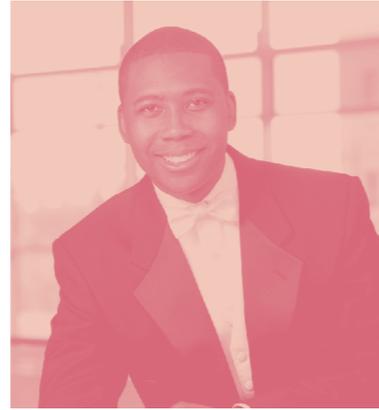
Rollo Dilworth
regência

Repertório
a ser anunciado

classificação indicativa
livre para todos os públicos

duração total
60 minutos

Sala de Espetáculos
Theatro Municipal



Rollo Dilworth

Neste concerto, Rollo Dilworth é o regente convidado do Coral Paulistano, em um programa dedicado a spirituals tradicionais e arranjos e composições do próprio Dilworth.

Nascido em St. Louis, nos Estados Unidos, Rollo Dilworth (1970) é regente coral, compositor, arranjador e educador. É professor associado da Choral Music Education e docente do Departamento de Educação Musical do Boyer College of Music and Dance da Temple University, na Filadélfia, onde também é vice-reitor. Integra diversas organizações em seu país, entre elas a National Association of Negro Musicians (NANM), National Association of Music Educators (NAfME), além de ser membro vitalício da American Choral Directors Association (ACDA).

Dilworth busca evidenciar sua ancestralidade africana em suas composições. Para isso, incorpora em sua obra elementos da música folclórica afro-americano, da música gospel e dos spirituals. O artista também se inspira na tradição literária afro-americano, musicando poemas de autores como Langston Hughes e Paul Laurence Dunbar.

Outro aspecto central de sua atividade como compositor é a diversidade e a inclusão: para ele, uma das missões da música coral é reunir pessoas, propiciando uma chance de fazê-las aprender mais sobre o próximo e sobre elas mesmas.

Alexander Nevsky

Orquestra Sinfônica Municipal
Coro Lírico Municipal

agosto
22 sexta 20h
23 sábado 17h

Roberto Minczuk
regência

Carla Camurati
direção de imagem

Sergei Prokofiev
Cantata Alexander Nevsky,
Op. 78 (40')

classificação indicativa
não recomendado
para menores de 14 anos

duração total
110 minutos (com intervalo)

Sala de Espetáculos
Theatro Municipal

Alexander Nevsky nasceu como uma trilha sonora composta por Sergei Prokofiev para o filme homônimo de Sergei Eisenstein, de 1938. O longa-metragem narra um acontecimento histórico: a incursão da Liga dos Cavaleiros Teutônicos para conquistar a Rússia, no século XIII. Quem liderou a resistência e defesa foi o príncipe Alexander Nevsky – atraindo os guerreiros para o combate sobre a superfície de um lago gelado, ele os levou para o ponto onde a camada de gelo era mais fina e, não resistindo ao peso de suas armaduras e seus cavalos, rompeu-se, afogando-os em suas águas geladas.

Já no século XX, às vésperas do ataque das forças nazistas à então União Soviética, o governo stalinista, percebendo o potencial propagandístico do episódio, encomendou a Eisenstein um filme que rememorasse o ato de bravura, preparando o espírito da população para resistir à nova invasão que se aproximava. Ficou a cargo de Prokofiev a trilha sonora, e a maioria dos textos das canções foi escrita pelo poeta



Carla Camurati

Vladimir Lugovskoy. A famosa cantata *Alexander Nevsky* de Prokofiev foi feita em 1939, a partir de partes desta incrível trilha sonora. O compositor reorganizou a música para o formato de concerto, reescrevendo-a como uma cantata para orquestra completa, coro e solista.

A música do filme foi considerada uma obra-prima, e a *Cantata Alexander Nevsky* goza do mesmo prestígio, sendo uma das cantatas mais importantes do século XX (Eisenstein, Prokofiev e Lugovskoy voltariam a trabalhar juntos em outra empreitada cinematográfica: *Ivan, o Terrível*, partes 1, de 1944, e 2, de 1946, sendo este o último filme de Eisenstein).

O espetáculo conta com Carla Camurati na direção de imagem. Cineasta, roteirista, produtora cultural e atriz, Camurati é dona de uma longa e premiada carreira. Em 1997, dirigiu *La Serva Padrona*, primeiro filme-ópera do Brasil, baseado na obra de Pergolesi. Desde então, tem se dedicado à direção de óperas pelo país. Foi presidente da Fundação Theatro Municipal do Rio de Janeiro entre 2007 e 2014.

Bizet e seus Contemporâneos

Orquestra Sinfônica Municipal

outubro

3 sexta 17h

4 sábado 17h



Solistas da Academia de Ópera de Paris

Solistas da Academia de Ópera de Paris



Repertório

a ser anunciado

classificação indicativa

livre para todos os públicos

duração total

a ser anunciada

Sala de Espetáculos

Theatro Municipal

Hoje conhecido sobretudo pela ópera *Carmen*, obra-prima cujo estrondoso sucesso o compositor morreu sem acompanhar, Georges Bizet (1838-1875) aprendeu a ler música ao mesmo tempo em que era alfabetizado, e antes dos 10 anos de idade estava matriculado no Conservatório de Paris. Em poucos anos, ganhou o primeiro prêmio em solfejo em piano e, em 1857, o cobiçado Prix de Rome, que lhe permitiu passar dois anos estudando em Roma.

Em 1863, Bizet compôs *Os Pescadores de Pérolas*, ópera que só encontraria sucesso alguns anos depois. O compositor ganhava a vida como pianista acompanhador e arranjador de editoras musicais enquanto planejava grandes óperas, que frequentemente não chegava a terminar. Em 1872, a música incidental que escreveu para a peça *L'Arlésienne* encontrou grande repercussão ao ser reunida em uma suíte orquestral. Isso encorajou Bizet a concluir uma tão sonhada grande ópera, que quase não subiu ao palco em razão das objeções de cantores e diretores de teatro, chocados com o tema de *Carmen*. Quando estreou, em 3 de março de 1875, foi mal recebida, mas poucos meses bastaram para que o público se apaixonasse pela obra. Bizet, no entanto, não pôde acompanhar essa mudança de opinião, pois morreu três meses depois, aos 36

anos, convencido de que *Carmen* fora mais um de seus fracassos.

Este concerto reúne cantores de ópera de todo o mundo, formados na Academia de Ópera de Paris, e músicos da orquestra do Theatro Municipal. Juntos, eles lembram o 150º aniversário da morte de Georges Bizet e da criação de *Carmen*. O público poderá redescobrir as grandes árias do compositor francês, excertos das suas óperas menos conhecidas, bem como grandes árias de Jules Massenet e Charles Gounod.

Missa Bernstein

Orquestra Sinfônica Municipal

Coral Paulistano

Coro Lírico Municipal

dezembro

19 sexta 20h

20 sábado 17h

21 domingo 17h

Roberto Minczuk

regência

Paulo Szot

celebrante

Solistas a serem anunciados

Leonard Bernstein

Missa

No início da década de 1970, motivado pela encomenda de uma obra – cujo gênero, instrumentação e duração eram livres –, Leonard Bernstein, uma das figuras mais importantes da música no século XX, criou uma obra ousada e surpreendente.

A obra foi uma encomenda da família Kennedy para ser apresentada na inauguração do Centro John F. Kennedy de Artes Performáticas, em 1971. Ao saber que o compositor estava escrevendo uma missa, houve grande alegria por parte dos organizadores do evento, pois John Kennedy foi o primeiro presidente católico dos Estados Unidos. Embora baseada na missa católica tridentina (pré 1962), a *Missa* de Bernstein se configura como um teatro musical, ao unir passagens litúrgicas cantadas em latim a textos adicionais em inglês escritos por Bernstein, Stephen Schwartz e Paul Simon. Ainda incorpora uma variedade de estilos musicais, além de um coral de "manifestantes de rua", para apresentar uma nova visão de fé e liturgia ao mundo moderno.

A obra foi concebida para ser encenada teatralmente, mas também já foi apresentada em ambientes de concerto. A *Missa* estreou em 8 de setembro de 1971, conduzida por Maurice Peress e coreografada por Alvin Ailey, com figurinos de

classificação indicativa

a ser anunciada

duração total

a ser anunciada

Sala de Espetáculos

Theatro Municipal



Paulo Szot

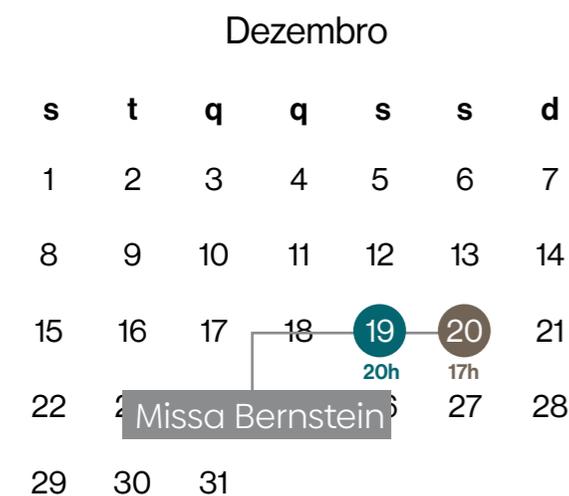
Frank Thompson. Na Europa, ela teve sua primeira audição em 1973, com John Mauceri conduzindo a Orquestra Sinfônica de Yale em Viena. A recepção inicial da crítica foi bastante negativa. A gravação da obra pela Columbia Records, no entanto, teve excelentes vendas. A *Missa* foi inicialmente criticada por autoridades da Igreja Católica, mas, no ano 2000, o Papa João Paulo II promoveu a apresentação da peça no Vaticano.

Certos aspectos da obra refletem o tempo no qual ela foi criada: desde alguns dos slogans de protesto até a busca liberal cristã dos anos 1970 em prol da valorização de uma religião mais pura e autêntica, em detrimento de questões eclesiais e sacramentais da Igreja institucional. Muito de sua mensagem ainda é relevante nos dias atuais. Não se trata propriamente de uma crítica à Igreja Católica, mas de transformar sua liturgia num espaço para a discussão e mesmo denúncia das opressões do mundo contemporâneo.

Essa obra grandiosa e surpreendente unirá os esforços da Orquestra Sinfônica Municipal, dos coros Paulistano e Lírico, e de Paulo Szot, um dos baritonos mais aclamados e versáteis do mundo. A regência e direção musical é de Roberto Minczuk.



*Excepcionalmente terça-feira.



● Série Lírica Antropofagia 2025

● Série Lírica Operários 2025



Preços

Série Lírica Operários

setor 1

inteira R\$ 297,50
meia R\$ 148,75

setor 2

inteira R\$ 195,50
meia R\$ 97,75

setor 3

inteira R\$ 55,25
meia R\$ 27,63

Série Lírica Antropofagia

setor 1

inteira R\$ 357,00
meia R\$ 178,50

setor 2

inteira R\$ 234,60
meia R\$ 117,30

setor 3

inteira R\$ 66,30
meia R\$ 33,15

Temporada Coral Paulistano



Maíra Ferreira
regente titular
do Coral Paulistano

É com grande alegria que anunciamos uma novidade especial: o Coral Paulistano agora terá uma assinatura própria no caderno do Theatro Municipal!

Nosso público sempre demonstrou carinho e participação calorosa em nossos concertos, e estamos entusiasmados em oferecer uma experiência variada, com um repertório que abrange diferentes estilos e momentos da história da música.

O Coral Paulistano é conhecido por sua vocação em interpretar a essência do canto brasileiro, além de explorar distintos “sotaques” e estilos. Na temporada de 2025, apresentaremos um repertório que inclui música barroca e contemporânea, maestros convidados, formações camerísticas, estreias, homenagens a pessoas que inspiraram a trajetória do grupo e convidados marcantes na história da música popular brasileira.

Nosso concerto de abertura da temporada, *Whitacre: O Véu Sagrado*, traz como repertório a obra homônima, *The Sacred Veil*, do compositor americano Eric Whitacre com texto de Charles Anthony Silvestri. O texto, escrito após a morte da esposa do autor, trata de sua experiência com a dor e o luto, sentimentos traduzidos com delicadeza e sofisticação pelo compositor. O programa tem a participação de pianista e de violoncelista solistas adicionando expressividade e musicalidade ao texto cantado, abrindo 2025 com um repertório atual que fala proximamente ao público amante da música coral.

Cantos Franceses abre as comemorações do Ano da França no Brasil, com obras reconhecidas do repertório coral tradicional e novas escutas. Entre os compositores e compositoras figuram Claude Debussy, Gabriel Fauré, Francis Poulenc, Lili Boulanger, Pauline Viardot, Jean Françaix e Jean-Yves Daniel-Lesur. O repertório selecionado combina poesia e fantasia com o refinamento característico da música francesa, destacando suas cores harmônicas e riqueza de timbres, oferecendo possibilidades ricas para a música coral graças à expressividade e ao brilho que o idioma francês proporciona.

O concerto desta edição da série Novas Sonoridades tem como subtítulo *Luz Eterna*, em referência ao tradicional texto sacro em latim, *Lux Aeterna*. Dedicada à música contemporânea, esta série – já bem conhecida pelo público do Theatro Municipal e responsável pela divulgação de novas obras no cenário coral brasileiro – apresentará uma seleção de peças com temática textual e sonoridade luminosa. Explorando o espiritual e o etéreo na busca pela luz – do original “brilhe sobre eles” e pelo inexprimível –, o programa destacará os atributos técnicos do grupo, com obras dos compositores e compositoras contemporâneos Dobrinka Tabakova, Francisco Coll, György Ligeti, Amy Dunker e Einojuhani Rautavaara, entre outros.

Aproveitamos também para divulgar que, em 2026, celebraremos os 90 anos de existência do grupo. Nosso intuito é engajar e convidar o público a conhecer e apreciar os concertos, abrir-se para novos repertórios, explorar novas sonoridades, escutar compositoras menos conhecidas e reafirmar o ideal inicial de 1936: nossa personalidade do cantar brasileiro. Vamos celebrar juntos essa marca histórica!



Whitacre: O Véu Sagrado

Coral Paulistano

fevereiro
13 quinta 20h

Maíra Ferreira
regência
Solistas
a serem anunciados

Eric Whitacre
The Sacred Veil (60')
I. *The Veil Opens*
II. *In a Dark and Distant Year*
III. *Home*
IV. *Magnetic Poetry*
V. *Whenever There Is Birth*
VI. *I'm Afraid*
VII. *I Am Here*
VIII. *Delicious Times*
IX. *One Last Breath*
X. *Dear Friends*
XI. *You Rise, I Fall*
XII. *Child of Wonder*

classificação indicativa
livre para todos os públicos

duração total
a ser anunciada

Sala do Conservatório
Praça das Artes

O amor, a perda e a busca por consolo são questões cruciais para todos os seres humanos e constituem o eixo poético da obra *The Sacred Veil* (2018), escrita por Eric Whitacre (1970) para coro a quatro vozes, piano e violoncelo. Estreada em 16 de fevereiro de 2019 no Wall Disney Concert Hall de Los Angeles, sob a regência do compositor, possui texto assinado pelo poeta e romancista Charles Anthony Silvestri (1965), sua esposa Julie Silvestri e pelo próprio Whitacre. Dividida em 12 partes, a composição é dedicada a Julie, que faleceu no ano de 2005 em decorrência de um câncer de ovário.

Vencedor do Grammy e egresso da tradicional Juilliard School of Music de Nova York, Eric Whitacre é um dos mais célebres artistas da atualidade. Regente e compositor, a tônica de sua trajetória é o repertório coral: suas obras desse gênero são cantadas por todo o planeta, tendo sido interpretadas em mais de 145 países, sempre com excelente recepção pelo grande público e pela crítica especializada. A razão para tamanho sucesso é o estilo particular de Whitacre, cujas obras nos envolvem e nos convidam de forma perene à introspecção e à contemplação, tão necessárias em uma sociedade frenética e veloz como esta em que vivemos.

Cantos Franceses

Coral Paulistano

agosto

28 quinta 20h

Maíra Ferreira
regência

Jean-Yves Daniel-Lesur
Le Jardin Clos (5')

Lili Boulanger
Sous Bois (6')

Jean Françaix
Trois Poèmes de Paul Valéry (8')
I. *Aurore*

II. *Cantique des Colonnes*
III. *Le Sylphe*

Pauline Viardot
Choeur des Elfes (5')

Claude Debussy
Trois Chansons de Charles d'Orléans (6')
Beau Soir (3')

Francis Poulenc
Sept Chansons (8')
I. *La Blanche Neige*
II. *A Peine Défigurée*
V. *Belle et Ressemblante*
VI. *Marie*

Gabriel Fauré
Les Djinns (5')

classificação indicativa
livre para todos os públicos

duração total
50 minutos (sem intervalo)

Salão Nobre
Theatro Municipal de São Paulo

Mais do que celebrar as relações entre Brasil e França, este programa oferece um panorama da música coral francesa ao longo de pouco mais de cem anos. Do ocaso do Romantismo à chegada do Modernismo, e da esperança no século XX, passando pelas incertezas e destruição das Grandes Guerras, as ilusões, tensões, frustrações e tentativas de ressignificação do mundo se refletem na produção musical desse período.

Jean-Yves Daniel-Lesur (1908-2002) foi um dos fundadores, em 1936, do grupo La Jeune France, cujo objetivo principal era escrever uma música mais humana, próxima do público e menos abstrata. *Le Jardin Clos* integra *Cantique des Cantiques* (1952), principal obra do compositor.

Embora tenha falecido muito jovem, Lili Boulanger (1893-1918) deixou importante contribuição como compositora. *Sous Bois* (1911), para coro misto e piano, sugere uma atmosfera *naïf* e nostálgica, que contrasta com as tensões políticas e sociais que se evidenciavam no período e que conduziriam o mundo à Primeira Guerra Mundial.

Aluno de Nadia Boulanger, irmã de Lili, Jean Françaix (1912-1997) escreveu obras equilibradas, claras, bem-humoradas e, por vezes, satíricas. Em *Trois Poèmes de Paul Valéry* (1982), Françaix evidencia as aliterações, assonâncias e todos os ricos detalhes dos textos do poeta, ao mesmo tempo que mantém o seu estilo composicional.

Em *Choeur des Elfes* (1899), Pauline Viardot (1821-1910) mostra sua faceta menos conhecida: a de compositora. Cantora e pianista de ascendência

espanhola, Viardot nasceu em uma família de músicos – sua irmã, Maria Malibran, é uma das maiores divas da história da ópera. Viardot enfrentou corajosamente os ditames da época, mantendo sua atividade como musicista após o casamento.

A obra de Claude Debussy (1862-1918), que inaugurou a música moderna nos últimos anos do século XIX, é apresentada em dois momentos: *Trois Chansons de Charles d'Orléans* (1898), sua única composição para coro a *cappella*, mostra o compositor já em sua fase modernista; e a versão para coro de *Beau Soir* (1891), canção contemplativa sobre poema de Paul Bourget, traz um Debussy que ainda caminhava em direção ao século XX.

Francis Poulenc (1899-1963), integrante do Les Six – importante movimento da vanguarda francesa no entreguerras –, constitui em *Sept Chansons* (1936) sua maior obra para coro misto e uma das mais importantes de sua produção. Nessa série, o compositor resgata elementos da escrita de Léonin, Pérotin, Machaut, Josquin des Prez e Monteverdi combinados a técnicas de composição observadas em Debussy, Ravel e Stravinsky.

Obra mais antiga do programa, *Les Djinns* (1876) é uma das poucas composições corais escritas por Gabriel Fauré (1845-1924) a partir de texto profano. Foi Fauré, aliás, quem realizou a transição do século XIX para o XX na música francesa, abrindo caminho para os modernistas Debussy, Ravel, Poulenc e todos aqueles que os sucederam.

Novas Sonoridades

Coral Paulistano

outubro

16 quinta 20h

Maíra Ferreira
regência

Dobrinka Tabakova
Turn our Captivity, O Lord (6')

Eric Whitacre
Lux Aurumque (4')

Francisco Coll
Stella (5')

György Ligeti
Lux Aeterna (10')

Einojuhani Rautavaara
obra a definir

Morten Lauridsen
O Nata Lux (5')

Amy Dunker
Lux Aeterna (3')

O restante do repertório será composto de obras selecionadas através do edital Música Contemporânea: Leituras Públicas, lançado em 2023 e com segunda edição a ser lançada em 2025.

classificação indicativa
livre para todos os públicos

duração total
60 minutos (sem intervalo)

Salão Nobre
Theatro Municipal de São Paulo

A luz, a conexão com o sagrado e a iluminação espiritual constituem o tema deste programa, que evidencia o repertório coral contemporâneo.

As composições de Dobrinka Tabakova (1980), nascida na Bulgária e radicada no Reino Unido, têm sido frequentemente programadas nas temporadas de concertos em todo o mundo. Sua obra coral é refinada e acessível, e *Turn our Captivity, O Lord* (2022), com texto extraído do livro dos Salmos, faz referência à composição homônima do inglês William Byrd (1540-1623), com linhas que lembram o canto bizantino.

O programa traz ainda obras do finlandês Einojuhani Rautavaara (1928-2016) e do estadunidense Eric Whitacre (1970), que constam entre os mais queridos compositores de música coral. Deste último, *Lux Aurumque* (2000) foi escrita a partir de poema natalino de Edward Esch, traduzido para o latim por Charles Anthony Silvestri, parceiro de longa data de Whitacre.

Stella (2016), do espanhol Francisco Coll (1985), para coro a oito vozes, foi inspirada na missa *Ave Maris Stella*, de Tomás Luís de Victoria, uma das grandes obras do Renascimento.

Por fim, *Lux Aeterna*, antifona de comunhão da Igreja Católica Romana, tantas vezes transformada em música, surge neste concerto em versões radicalmente distintas. A do húngaro György Ligeti (1923-2006), escrita em 1966, é provavelmente a mais célebre de todas, já que integra a trilha sonora do filme *2001: uma Odisseia no Espaço*, de Stanley Kubrick. *O Nata Lux*, parte de *Lux Aeterna* (1997) do estadunidense Morten Lauridsen (1943), e a versão de 2005 escrita por sua conterrânea Amy Dunker (1964), ambas claras e contemplativas, contrapõem-se à música densa e estática de Ligeti.

Fevereiro

s	t	q	q	s	s	d
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
Whitacre: O Véu Sagrado			13 20h	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28		

Outubro

s	t	q	q	s	s	d
		1	2	3	4	5
6	7	Novas Sonoridades		11	12	
13	14	15	16 20h	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30	31		

Agosto

s	t	q	q	s	s	d
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	Cantos Franceses		23	24	
25	26	27	28 20h	29	30	31

● Salão Nobre

● Sala do Conservatório



Preços

setor 1

inteira	R\$ 89,25
meia	R\$ 44,63

Limitado a 100 assinaturas.
Os lugares serão reconfigurados
de acordo com o espaço.



Temporada
Quarteto
90 anos

Marcelo Jaffé
violista do Quarteto de Cordas
da Cidade de São Paulo

Bem-vindo 2025, 90 anos do Quarteto da Cidade!

Esse é o mote da nossa próxima temporada. Mário de Andrade estava certo: a música de câmara educa, inova, estimula e encanta.

Ao longo desse período, muitos parceiros ajudaram a construir a nossa história, como as compositoras Helza Camêu e Marisa Rezende, passando por Clóvis Pereira, Osvaldo Lacerda, Ronaldo Miranda e o grande Heitor Villa-Lobos, para citar alguns.

No palco conosco, André Mehmar, Proveta, Pau Brasil, Trio Corrente, Thiago Hessel, entre tantos talentos espetaculares dessa terra peculiar que é o Brasil. Vamos estar juntos de novo.

Possibilidades musicais, momentos de puro êxtase, desafios imensos e contínuos, o que nos aguarda nesse ano de comemoração.

De nossa parte, obrigado a cada um que já assistiu a algum dos nossos concertos, e o convite: voltem sempre, é para vocês!



Conexões Musicais

Quarteto de Cordas da Cidade de São Paulo

fevereiro
20 quinta 20h

Betina Stegmann
e **Nelson Rios**
violinos

Marcelo Jaffé
viola

Rafael Cesario
violoncelo

classificação indicativa
livre para todos os públicos

duração total
60 minutos (sem intervalo)

Hercules Gomes
Cantiga, Baião e Frevo
(dedicado ao Quarteto)

Clóvis Pereira
Quarteto Nordestinados
(dedicado ao Quarteto)

César Guerra-Peixe
Quarteto nº 2
(dedicado ao Quarteto)

A primeira apresentação da série que celebra os 90 anos de existência do Quarteto de Cordas da Cidade de São Paulo não poderia ilustrar melhor a gênese e a vocação desse corpo artístico: unindo clássico e popular, e com obras dedicadas ao Quarteto, o programa reverencia os ideais estéticos de Mário de Andrade, responsável pela criação do grupo em 1935, e sua missão de fomentar a produção brasileira para essa formação. Por diferentes ângulos, as peças dialogam com o Movimento Armorial, corrente liderada por Ariano Suassuna que, a partir dos anos 1970, buscava produzir uma nova arte brasileira inspirada nas raízes da cultura do Nordeste.

De Hercules Gomes, pianista e compositor capixaba radicado em São Paulo, o Quarteto interpretará *Cantiga, Baião e Frevo*, obra a ele dedicada. Hercules tem se destacado na nova geração pelo resgate da produção de compositores e compositoras da época de Chiquinha Gonzaga, que transitavam nesse caldeirão de elementos que hoje nomeamos como eruditos ou populares, mas que sempre se amalgamaram. Aqui, ele homenageia o Movimento Armorial em uma obra composta especialmente para o Quarteto de Cordas da Cidade de São Paulo por ocasião de um concerto em colaboração do pianista com o grupo, em 2021.

Clóvis Pereira (1932-2024) foi membro ativo do Movimento Armorial e estudou com ninguém menos que Guerra-Peixe. Compositor, arranjador, pesquisador e maestro natural de Caruaru, ele foi um ícone importante nesse terreno fértil que une a música clássica à popular na tradição brasileira – tendo sido uma grande perda recente. Em 2004, Clóvis assistiu a uma apresentação do Quarteto de Cordas da Cidade de São Paulo em Recife e, encantado com a sonoridade do grupo, o presenteou no ano seguinte com o *Quarteto Nordestinados*.

César Guerra-Peixe (1914-1993) era carioca, mas seus estudos da música popular, especialmente a nordestina, fizeram com que sua obra servisse de grande inspiração para a criação da estética armorial. Seu *Quarteto de Cordas nº 2* foi escrito em 1958, pouco depois de chegar a São Paulo vindo de uma temporada em Recife, onde pesquisou tradições populares regionais. A peça marca o abandono do compositor de técnicas internacionais, em especial o dodecafonismo, que ele aprendera com o mestre Koellreutter e praticara como membro ativo do movimento Música Viva, em favor da estética nacionalista que caracterizaria toda sua produção subsequente.

Sala do Conservatório
Praça das Artes

As Musicotecas do Mário

Quarteto de Cordas da Cidade de São Paulo

março

6 quinta 20h

Betina Stegmann
e **Nelson Rios**
violinos

Marcelo Jaffé
viola

Rafael Cesario
violoncelo

Silvio Motto
Quarteto em Ré

Helza Camêu
Quarteto em Si maior (Suíte Op. 9)

Gabriel Migliori
Impressões Brasileiras

classificação indicativa
livre para todos os públicos

duração total
60 minutos (sem intervalo)

Compostas em 1936, as peças deste programa são parte importante da história do Quarteto de Cordas da Cidade de São Paulo, inaugurando a vasta lista de obras escritas especialmente para o grupo e apontando para o que se consagraria como sua principal missão: fomentar e divulgar a produção brasileira para essa formação. Em 1935, Mário de Andrade assumiu a direção do então recém-criado Departamento de Cultura de São Paulo, fundando no mesmo ano o Quarteto de Cordas da Cidade de São Paulo. Em 1936, ele promoveu um concurso para selecionar novas obras a serem tocadas pelo grupo, indicando que deveriam “se inspirar nos caracteres, tendências e processos rítmico-melódicos da música nacional brasileira... sem que sejam utilizados temas colhidos diretamente de folclore musical brasileiro”. Pelas regras do edital, as partituras seriam de propriedade do Departamento de Cultura, permanecendo preservados os direitos dos autores.

Um júri formado pelo próprio Mário de Andrade, pelos membros do Quarteto de então e pelo compositor e pianista João de Souza Lima (que, à época, também era um músico associado ao grupo, possibilitando variar as formações camerísticas) escolheu três peças vencedoras, que foram estreadas pelo Quarteto em 1937. Muitos anos depois, essas partituras foram localizadas pela arquivista do Theatro Municipal, cada uma em uma das musicotecas (bibliotecas de registros musicais, sejam sonoros ou em partituras) criadas por Mário de Andrade: a Discoteca Oneyda Alvarenga (atualmente localizada no Centro Cultural São Paulo), o arquivo do Quarteto da Cidade e a Musicoteca do Theatro Municipal de São Paulo.

Os compositores premiados foram o italiano naturalizado brasileiro Silvio Motto (1875-1940), que foi professor de Francisco Mignone e no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo; a carioca Helza Camêu (1903-1995), que estudou com Alberto Nepomuceno, Fernando Braga, Lorenzo Fernandez e Heitor Villa-Lobos, dedicando-se à composição, à docência e à musicologia, com enfoque na música indígena; e o paulistano Gabriel Migliori (1909-1975), que foi pianista, regente, compositor e arranjador, premiado por suas trilhas para cinema e sendo o principal maestro e arranjador da Rádio Record de São Paulo por várias décadas.

É relevante que haja uma mulher nesse grupo, considerando que, 90 anos depois, ainda se faz necessário o esforço de resgatar e valorizar a produção das compositoras, tão negligenciadas na história da música – algo que, hoje, está deliberadamente na pauta dos corpos artísticos do Theatro Municipal, honrando os ideais de equidade de oportunidades que já estavam presentes no projeto original de Mário de Andrade.

Sala do Conservatório
Praça das Artes

Danças

Quarteto de Cordas da Cidade de São Paulo

abril

3 quinta 20h

Betina Stegmann
e **Nelson Rios**
violinos

Marcelo Jaffé
viola

Rafael Cesario
violoncelo

classificação indicativa
livre para todos os públicos

duração total
60 minutos (sem intervalo)

Sala do Conservatório
Praça das Artes

Oswaldo Lacerda
Quarteto nº 1
(dedicado ao Quarteto)

Kleberson Buzo
Suíte Brasileira
(dedicado ao Quarteto)

Alejandro Drago
São Tango
(dedicado ao Quarteto)

Este programa une três obras dedicadas ao Quarteto de Cordas da Cidade de São Paulo, de meados do século XX aos dias de hoje, que dialogam com tradições da música popular – no caso, brasileira e argentina –, com destaque para a riqueza rítmica desses universos sonoros.

O *Quarteto nº 1*, de Oswaldo Lacerda (1927-2011), é uma peça de juventude do compositor paulistano, que foi aluno de Camargo Guarnieri e recebeu bolsa da Fundação Guggenheim para estudar com Aaron Copland e Vittorio Giannini nos Estados Unidos. Foi escrita em 1952, especialmente para o Quarteto de Cordas da Cidade de São Paulo, em apenas um mês. Com os movimentos *Prelúdio e Fuga*, *Ária* e *Dança*, a obra evoca gêneros populares, como a toada e o baião, sem abrir mão do lirismo e da estreita ligação com as tradições clássicas, que marcam toda a produção do compositor nacionalista. Oswaldo Lacerda deixou um legado não apenas em suas obras, mas formando muitos compositores da geração seguinte com sua atuação como professor da Escola Municipal de Música de São Paulo.

A *Suíte Brasileira*, de Kleberson Buzo (1980), ilustra como esse legado estético continua vivo. Buzo é um músico muito atuante na cena paulista: violinista, compositor e arranjador, é *spalla* da Orquestra Acadêmica de São Paulo, além de integrante da Orquestra Sinfônica da Universidades Estadual de Campinas (Unicamp) e da Orquestra Jazz Sinfônica. Em 2022, ele escreveu para o Quarteto de Cordas da Cidade de São Paulo a *Suíte Brasileira*, com percussão *non obbligato* (ou seja, que pode ou não estar presente na execução da obra), em quatro movimentos que propõem amálgamas originais de diferentes gêneros da música popular brasileira: *Chorolúdio*, *Valsa-Scherzo*, *Serestária* e *Fugaião*. Assim como em Lacerda, a rica rítmica da música popular e o lirismo seresteiro são entremeados a formas clássicas, como o prelúdio e a fuga.

A última peça do programa é uma estreia recente, escrita para o Quarteto de Cordas da Cidade de São Paulo pelo violinista, compositor e regente argentino Alejandro Drago (1970). A musicalidade versátil de Drago vem lhe rendendo aclamação da crítica tanto na música clássica como na fronteira com a música popular, com discos que incluem quartetos de cordas, concertos e tangos de vanguarda lançados na França, na Argentina e nos Estados Unidos (país onde vive, lecionando na University of North Dakota). Em 2024, durante uma turnê no Brasil, ele presenteou o Quarteto de Cordas da Cidade de São Paulo com a obra *São Tango*, que foi estreada pelo grupo alguns meses depois.

Quarteto Toca Caíto Marcondes

Quarteto de Cordas da Cidade
de São Paulo

maio

8 quinta 20h

**Betina Stegmann
e Nelson Rios**
violinos

Marcelo Jaffé
viola

Rafael Cesario
violoncelo

Caíto Marcondes
convidado

classificação indicativa
livre para todos os públicos

duração total
60 minutos (sem intervalo)

Sala do Conservatório
Praça das Artes



Caíto Marcondes

Composições de
Caíto Marcondes
especialmente criadas
para o Quarteto da Cidade.

O percussionista, compositor e arranjador Caíto Marcondes (1954) é um músico versátil, prolífico e inquieto, que tem especial relação com os instrumentos de cordas. Carioca crescido no interior de São Paulo e radicado na capital, na juventude dedicou-se ao piano e ao violão, além de estudar composição com Hans-Joachim Koellreutter e harmonia com Mário Ficarella.

Sua produção e atuação desafiam as fronteiras entre a música clássica e a popular: como percussionista, já colaborou com artistas como Marlui Miranda, Hermeto Pascoal, Toninho Horta, Milton Nascimento, Francis Hime, Joyce e Monica Salmaso. Ao lado do violinista norte-americano Tracy Silverman, seu parceiro de longa data, foi solista de diversas peças para orquestra de sua própria autoria. Compôs para balé, teatro e cinema (angariando vários prêmios); criou e dirigiu projetos musicais e séries; além de conceber e apresentar um programa na Rádio Cultura. Lançou sete discos, no Brasil e no exterior.

Seu primeiro álbum solo, *Porta do Templo* (Califórnia, 1995), teve colaboração do premiado Turtle Island String Quartet, quarteto de cordas norte-americano que se dedica a repertórios da música popular e do jazz, e do trombonista François de Lima, integrante da Banda Mantiqueira. Caíto assina a autoria da maioria das músicas – além de todos os arranjos para essa formação original de quarteto de cordas, trombone e percussão –, que ele mesmo toca no disco. Relançado na Alemanha em 1998, o álbum foi indicado como um dos 150 melhores do ano na Europa no World Music Charts Europe, e chamou a atenção de Marcelo Jaffé, violista do Quarteto de Cordas da Cidade de São Paulo – que já conhecia a escrita para cordas de Caíto por seus arranjos para a Orquestra Jazz Sinfônica, da qual ele foi tanto músico como diretor artístico. Assim, surgiu a ideia da colaboração do Quarteto com Caíto – que se materializa agora, quase três décadas depois.

O programa apresentará um panorama da produção de Caíto Marcondes para quarteto de cordas, de obras do disco *Porta do Templo* até repertórios registrados no DVD *Brazilian Contemporary Music* (Selo Sesc, 2011), gravado em concertos no Lincoln Center, Nova York, com músicos norte-americanos em formação instrumental semelhante. Caíto promete ainda trazer algumas novas obras e escrever uma peça inédita especialmente para este concerto.

Serestas

Quarteto de Cordas da Cidade
de São Paulo

junho

12 quinta 20h

**Betina Stegmann
e Nelson Rios**
violinos

Marcelo Jaffé
viola

Rafael Cesario
violoncelo

Silvia Goes
Suite Chiquinha Gonzaga
(dedicado ao Quarteto)

Eunice Katunda
Seresta Piracicaba
(dedicado ao Quarteto)

Claudio Santoro
Quarteto nº 3
(estreado pelo Quarteto)

classificação indicativa
livre para todos os públicos

duração total
60 minutos (sem intervalo)

Sala do Conservatório
Praça das Artes

A pianista e compositora Silvia Goes (1947), musicista muito atuante na cena paulistana, abriu caminhos no universo ainda predominantemente masculino da música instrumental e do jazz. Colaborou com músicos como Dori Caymmi, Toninho Horta, Toquinho e Hermeto Pascoal e, em sua carreira, já fez um pouco de tudo: tocou violão, piano, compôs trilhas, gravou em estúdio, atuou como arranjadora de discos, festivais de música e programas de rádio e TV, além de se dedicar à docência e publicar livros sobre música. Em 2022, essa musicista múltipla homenageou outra mulher pioneira: Chiquinha Gonzaga (1847-1935).

Chiquinha enfrentou todo tipo de obstáculos para se profissionalizar como compositora e maestra à sua época, tanto por ser mulher como por sua ascendência negra. Sua obra transita entre o clássico e o popular, com polcas, valsas e tangos brasileiros que contribuíram com a origem do choro. Na *Suite Chiquinha Gonzaga*, escrita especialmente para o Quarteto de Cordas da Cidade de São Paulo em 2022, Silvia Goes propõe uma visita à obra dessa mulher inspiradora, com movimentos de títulos sugestivos que aludem à sua trajetória.

Eunice Katunda (1915-1990) foi outra compositora à frente do seu tempo. Pianista concertista, atuou também na rádio (tocando, arranjando e sendo apresentadora) e na educação infantil, sempre promovendo a produção contemporânea brasileira. Estudou com Camargo Guarnieri, apoiador do projeto nacionalista de Mário de Andrade, que pregava a criação de uma arte inspirada em nossas raízes populares; e depois com Hans-Joachim Koellreutter, integrando o grupo Música Viva, liderado por ele, que propunha um alinhamento da produção musical brasileira às tendências vanguardistas internacionais, como o dodecafonismo e o atonalismo. Transitando entre esses dois polos e outros interesses particulares, a produção de Katunda é multifacetada e desafia classificações.

A *Seresta Piracicaba*, de 1965, passeia por ritmos de gêneros tradicionais do interior paulista, que a compositora ouviu dos violeiros e estudou em visitas à cidade entre 1946-1949. Escrita originalmente para piano, a peça foi adaptada para quarteto de cordas (formação para a qual Katunda não compôs) por Matheus Bitondi em 2022, para as celebrações em torno dos cem anos da Semana de Arte Moderna.

Outro aluno de Koellreutter foi o amazonense Claudio Santoro (1919-1989), sendo um dos membros mais ativos do movimento Música Viva. Laureado na juventude com uma bolsa da Fundação Guggenheim, foi impedido de entrar nos Estados Unidos por sua militância no Partido Comunista, indo então a Paris para estudar com ninguém menos que Nadia Boulanger, cobiçada professora que formou uma infinidade de grandes nomes da nova geração. Nesse período, participou do II Congresso de Compositores Progressistas, em Praga, onde teve contato com as doutrinas do Realismo Soviético. Voltou ao Brasil decidido a abandonar as tendências vanguardistas e se dedicar a uma arte nacionalista. O *Quarteto nº 3* (1954), estreado pelo Quarteto de Cordas da Cidade de São Paulo, é do início dessa nova fase estética, incorporando elementos de inspiração popular ora na rítmica, ora no caráter seresteiro.

Identidade Brasileira

Quarteto de Cordas da Cidade de São Paulo

agosto

7 quinta 20h

Betina Stegmann
e **Nelson Rios**
violinos

Marcelo Jaffé
viola

Rafael Cesario
violoncelo

Francisco Mignone
Quarteto nº 2
(dedicado ao Quarteto)

Clorinda Rosato
Quarteto de Cordas
(dedicado ao Quarteto)

classificação indicativa
livre para todos os públicos

duração total
60 minutos (sem intervalo)

Francisco Mignone (1897-1986) e Clorinda Rosato (1913-1985) foram ambos alunos do Conservatório Dramático e Musical de São Paulo. No período, apresentaram-se ao piano na mesma Sala do Conservatório que hoje abriga o Quarteto de Cordas da Cidade de São Paulo. Compuseram pouco para quarteto de cordas: ele, apenas duas obras; ela, somente uma, que poderemos ouvir neste programa.

Mignone foi um dos compositores mais próximos de Mário de Andrade em seu projeto nacionalista, inspirando-se em muitas de suas ideias para criar sua música. Essa proximidade, contudo, foi um processo construído: depois de sua formação inicial, Mignone recebeu uma bolsa do Governo do Estado de São Paulo para se aperfeiçoar na Europa e, em 1920, partiu para a Itália, país de origem de seu pai. Permaneceu no Velho Mundo por nove anos, alheio à efervescência do movimento modernista em São Paulo, sua cidade natal, e aos eventos da Semana de Arte Moderna, em 1922. No retorno ao Brasil, trouxe na bagagem suas óperas de sucesso ao estilo italiano e uma porção de outras obras que, a despeito de sua qualidade, não conversavam com a busca de uma identidade musical nacional que ocorria em terras tupiniquins.

Mignone foi duramente criticado por Mário de Andrade, que acabara de publicar seu *Ensaio sobre a Música Brasileira*, livro que sintetiza as diretrizes modernistas para a composição inspirada na cultura popular, e absorveu a represália: passou a compor com base em repertórios de tradição oral e tornou-se um dos principais colaboradores de Mário de Andrade. A obra *Quarteto de Cordas nº 2*, de 1958 e dedicada ao Quarteto de Cordas da Cidade de São Paulo, ilustra a devoção de Mignone ao projeto nacionalista, além da maturação estilística do compositor.

Um pouco mais jovem que Mignone, a pianista do interior paulista Clorinda Rosato chegou a ser sua aluna, além de ter estudado com Camargo Guarnieri e Mário de Andrade. Este último foi quem a incentivou a se dedicar à composição, apoiando-a até o fim da vida. Fiel ao projeto nacionalista, incorporando os ideais da época em estilo pessoal, Clorinda compôs principalmente para piano, mas também criou peças corais que estiveram por cerca de três décadas no repertório do Coral Paulistano, além de obras de câmara – como o *Quarteto* que integra este programa, dedicado ao Quarteto de Cordas da Cidade de São Paulo. Esta é uma oportunidade rara de ouvir uma peça dessa compositora brasileira, que merece ter sua obra mais pesquisada e divulgada.

Sala do Conservatório
Praça das Artes

Texturas Brasileiras

Quarteto de Cordas da Cidade de São Paulo

setembro

4 quinta 20h

Betina Stegmann
e **Nelson Rios**
violinos

Marcelo Jaffé
viola

Rafael Cesario
violoncelo

Ronaldo Miranda
Quarteto Texturas
(dedicado ao Quarteto)

Arthur Barbosa
Quarteto Brazuca
(dedicado ao Quarteto)

classificação indicativa
livre para todos os públicos

duração total
60 minutos (sem intervalo)

Um dos principais e mais atuantes compositores contemporâneos brasileiros, o carioca Ronaldo Miranda (1948) ocupa a cadeira de número 13 da Academia Brasileira de Música. Com uma obra que explora diferentes texturas e técnicas, sem perder de vista a sensibilidade emocional, Ronaldo coleciona láureas como o título de Cavaleiro da Ordem de Artes e Letras, do Ministério da Cultura da França; o Troféu Golfinho de Ouro, do Governo do Estado do Rio de Janeiro; e o prêmio de Compositor do Ano pela Secretaria do Estado de São Paulo, simbolizado pelo Troféu Carlos Gomes. Suas obras têm sido apresentadas em importantes salas de concerto ao redor do mundo, como o Teatro Colón (Buenos Aires), a Tonhalle (Zurique), o Mozarteum (Salzburgo) e o Queen Elizabeth Hall (Londres). No Brasil, Ronaldo Miranda é colaborador habitual das principais orquestras do país, recebendo encomendas regulares. Formou também escola, sendo professor da Universidade de São Paulo (USP) por muitos anos.

Amigo antigo do Quarteto de Cordas da Cidade de São Paulo, Ronaldo nutriu por muito tempo o desejo de escrever para o grupo. A oportunidade surgiu em 2006, como parte de um projeto de pesquisa acadêmica do compositor. Estreada pelo Quarteto de Cordas no ano seguinte, *Texturas* – a peça tem título descritivo – possui quatro movimentos que exploram, cada um, uma sonoridade diferente.

Outro amigo do Quarteto de Cordas da Cidade de São Paulo é o compositor, violinista e regente Arthur Barbosa (1965). Natural de Fortaleza, o músico já residiu na Argentina e no Chile antes de se estabelecer no Rio Grande do Sul, onde é violinista da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (Ospa) e regente da orquestra jovem da mesma instituição. Suas obras já foram apresentadas na Argentina, Suíça, Áustria, Itália, Hungria e nos Estados Unidos, entre outros países, e refletem o multiculturalismo incorporado pelo compositor em suas andanças, trazendo elementos de diversos repertórios latino-americanos. A peça *Brazuca*, contudo, volta-se para as tradições brasileiras, tendo sido composta especialmente para o Quarteto de Cordas da Cidade de São Paulo e estreada pelo grupo em 2023.

Sala do Conservatório
Praça das Artes

Encomendas

Quarteto de Cordas da Cidade de São Paulo

outubro

9 quinta 20h

Betina Stegmann e Nelson Rios
violinos

Marcelo Jaffé
viola

Rafael Cesario
violoncelo

Thiago Hessel
contrabaixo

Marisa Rezende
Nova composição dedicada ao Quarteto

Antonio Carlos Gomes
O Burrico de Pau, Sonata para Cordas (versão para quinteto)

Heitor Villa-Lobos
Quarteto nº 13
(dedicado ao Quarteto)

classificação indicativa
livre para todos os públicos

duração total
60 minutos (sem intervalo)

Em 2024, a premiada compositora carioca Marisa Rezende completou 80 anos. A efeméride foi celebrada com a programação de obras suas por diversas orquestras, e com o Quarteto de Cordas da Cidade de São Paulo não poderia ser diferente: seguindo sua vocação de fomentar a nova produção para quarteto de cordas, o grupo encomendou à compositora uma obra a ser estreada na próxima temporada. Afeita à música de câmara e com peças intimistas e introspectivas, Marisa conciliou em sua trajetória a composição, a carreira acadêmica e a docência em nível superior. Entre suas láureas, recebeu em 2016 a Medalha Villa-Lobos da Academia Brasileira de Música e, em 2018, foi homenageada pelo Festival de Música Contemporânea Brasileira de Campinas.

Carlos Gomes (1836-1896) é conhecido por suas óperas em estilo italiano, como *O Guarani* (recentemente apresentada em montagem inovadora pelo Theatro Municipal), que conquistaram reconhecimento internacional. Natural de Campinas, o compositor dividiu sua vida entre o Brasil e a Itália, especialmente Milão, onde teve várias óperas apresentadas no Teatro alla Scala. A última obra de sua carreira, contudo, foi a sonata para cordas *O Burrico de Pau* – aqui tocada em versão para quinteto de cordas. Aos 57 anos, enfrentando dificuldades financeiras e pessoais, até mesmo de saúde, o compositor decidiu escrever uma peça alegre e com caráter de serenata para o Club Musical Sant’Anna Gomes, agremiação campineira presidida por seu irmão, que era violinista. Pensada como divertimento para um local de lazer, e homenageando indiretamente seu irmão, a obra teve o título sugestivo inspirado em um sonho, no qual o compositor montava em seu brinquedo de infância e cavalgava aos céus. Carlos Gomes faleceria dois anos depois, deixando o legado dessa peça que mescla alusões sonoras ao trote do burrico às melodias líricas e cativantes que marcaram toda sua produção.

Heitor Villa-Lobos (1887-1959) compôs o impressionante número de 17 quartetos de cordas, principalmente nas últimas décadas de sua vida. Com robustez formal inspirada nos modelos clássicos, essas peças revelam um compositor menos preocupado em referenciar diretamente os elementos da cultura popular e mais dedicado à criação de uma música abstrata, muito embora os elementos nacionais que marcam sua obra estejam sempre presentes. Os últimos quartetos, de harmonia arrojada, foram compostos na década final de sua vida, quando o compositor se dividia entre sua casa, no Rio de Janeiro, e turnês pelos Estados Unidos. O *Quarteto nº 13*, de 1951, é uma dessas obras, sendo escrito em Nova York e dedicado ao Quarteto de Cordas da Cidade de São Paulo.

Sala do Conservatório
Praça das Artes

Réquiem Sem Palavras

Quarteto de Cordas da Cidade de São Paulo

novembro

13 quinta 20h

Betina Stegmann e Nelson Rios
violinos

Marcelo Jaffé
viola

Rafael Cesario
violoncelo

classificação indicativa
livre para todos os públicos

duração total
60 minutos (sem intervalo)

Sala do Conservatório
Praça das Artes

Almeida Prado
Quarteto de Cordas nº 2,
“Réquiem Sem Palavras”

A obra de Almeida Prado (1943-2010), um dos mais importantes e prolíficos compositores brasileiros, é marcada por uma profunda religiosidade católica. Centrada no piano (que ele tocava eximamente) e na orquestra, sua produção inclui tanto obras sacras quanto outras livremente inspiradas em elementos da tradição judaico-cristã. A fé do compositor se materializava para ele em visões místicas que teve em diversos momentos da vida, e que foram a força motriz para que escrevesse muitas de suas peças.

Na juventude, Almeida Prado foi aluno de Osvaldo Lacerda e Camargo Guarnieri. Depois partiu para Paris para estudar com Nadia Boulanger e Olivier Messiaen, compositor com o qual sua obra traça grande paralelo, tanto esteticamente como pela conexão devocional. Prado lecionou por muitos anos na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), onde os alunos se amontoavam para assistir às suas aulas.

Entre 1989-1990, Almeida Prado residiu em Jerusalém, Israel, como professor visitante da Academia Rubin de Música e Dança. A experiência o marcou profundamente, transformando e intensificando sua fé e inspirando a criação de novas obras, conectadas a um imaginário sobre a cidade e a cultura local na época de Jesus. Nesse período, o compositor teve também visões místicas de parentes queridos que já haviam partido e isso o levou a compor uma peça absolutamente não usual: o *Réquiem Sem Palavras* para quarteto de cordas.

Quando pensamos em um réquiem musical, imaginamos uma peça vocal escrita para grandes forças corais e orquestrais – como são as obras desse gênero, por exemplo, de Mozart, Verdi, Brahms ou Fauré. Nesse tipo de missa, tradicionalmente utilizada para homenagear um finado, a compreensibilidade do texto e a ilustração musical do sentido das palavras é particularmente importante. Almeida Prado propõe, então, um duplo desafio: seu réquiem é uma reza íntima para formação camerística, e nela os instrumentos devem “falar” os textos litúrgicos – não só utilizados aqui de forma integral em latim, mas acrescidos de um pai-nosso adicional.

Composto em 1989, o *Réquiem Sem Palavras* ficou guardado na gaveta até 2006, quando Marcelo Jaffé, violista do Quarteto de Cordas da Cidade de São Paulo, soube de sua existência em um encontro com Almeida Prado na Rádio Cultura. O Quarteto encampou então a tarefa de produzir as partes da obra e estreá-la, recebendo a dedicatória do compositor. Ainda não gravada, a peça foi tocada poucas vezes, sendo esta uma oportunidade particular de ouvi-la.



Fevereiro

s	t	q	q	s	s	d
				1	2	
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20 20h	21	22	23
24	25	26	27	28		

Março

s	t	q	q	s	s	d
				1	2	
3	4	5	6 20h	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24 ₃₁	25	26	27	28	29	30

Abril

s	t	q	q	s	s	d
	1	2	3 20h	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30				

- Conexões Musicais
- As Musicotecas do Mário
- Danças
- Quarteto Toca Caio Marcondes
- Serestas
- Identidade Brasileira
- Texturas Brasileiras
- Encomendas
- Réquiem Sem Palavras

Maio

s	t	q	q	s	s	d
		1	2	3	4	
5	6	7	8 20h	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30	31	

Junho

s	t	q	q	s	s	d
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12 20h	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
24 ₃₁	24	25	26	27	28	29

Agosto

s	t	q	q	s	s	d
				1	2	3
4	5	6	7 20h	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31

Setembro

s	t	q	q	s	s	d
1	2	3	4 20h	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30					

Outubro

s	t	q	q	s	s	d
		1	2	3	4	5
6	7	8	9 20h	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30	31		

Novembro

s	t	q	q	s	s	d
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13 20h	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24 ₃₁	25	26	27	28	29	30

Sala do Conservatório
com lugar marcado
Limitado a 100 assinaturas.

Preços

setor 1

inteira R\$ 267,75
meia R\$ 133,88

Temporada Balé da Cidade de São Paulo



Aprofundamento e Fluxo, Balé da Cidade de São Paulo 2025

As temporadas do Balé da Cidade de São Paulo (BCSP) no Theatro Municipal são o ponto mais sofisticado das partilhas públicas da companhia. Com elas se constitui o encontro entre o público e a proposta técnico-artística desenvolvida pela companhia e sua equipe. Esse encontro é tecido ao longo do tempo pelos mais de 40 profissionais do BCSP e pelas equipes artísticas dos coreógrafos e coreógrafas convidados(as). Trata-se de um labor diário dedicado à lapidação e à integridade de cada peça coreográfica apresentada, criando um ecossistema que conduz a dança também como uma área de conhecimento.

Para 2025, a curadoria da programação se alicerça na continuidade e no fluxo. Nas temporadas anteriores, os modos de articulação artística e técnica que perpassam cada criação, bem como o conjunto delas, sustentam uma expansão estrutural na forma como o elenco dialoga com as concepções de dança e coreografia de cada artista convidado(a). Essa expansão é um trabalho contínuo de aprofundamento técnico, que atualiza o Balé da Cidade de São Paulo e o coloca como referência artística e espaço de inovação.

Nesse contexto, as peças a serem apresentadas em 2025 propõem o fluxo contínuo dessa proposta com o desenvolvimento específico de cada coreografia. A primeira temporada de 2025 marcará a estreia de *Réquiem SP*, minha primeira obra como diretor artístico do BCSP, em colaboração com a Orquestra Sinfônica Municipal (OSM) e o Coral Paulistano. Um presente, um desafio e uma grande responsabilidade. Essa peça abre as temporadas de 2025 e traz em si o trabalho do BCSP no mergulho vertical de toda sua equipe e convidados(as).

Réquiem SP propõe dançar a irreversibilidade da vida, atravessada por memórias do que não está mais em nós ou conosco. Dançar ficções de nossas perdas, estabelecer em movimento nossos rituais de luto e renascimento. *Réquiem SP* também aprofunda a troca de conhecimento técnico entre investigações independentes e o BCSP. Um campo rico em diálogos que correlacionam práticas de design de movimento desenvolvidas em pesquisas rigorosas e extensas, acionando uma intersecção entre áreas de conhecimento distintas, tanto em práticas corporais como em tecnologias físico-digitais. No desenvolvimento do ecossistema músico-lumínico-coreográfico, as práticas do Grupo Cena 11, de Florianópolis (SC), suas tecnologias de corpo, vídeo e organismos físico-digitais se juntam à criação e treino do BCSP e ampliam as capacidades de resposta artística em *Réquiem SP*. Nesse aspecto, se aproximam e se fortalecem entre si tecnologias que, juntas, criam originais e potentes possibilidades ético-estéticas.

A segunda temporada mantém o foco no aprofundamento técnico-artístico e apresenta duas coreógrafas brasileiras atualmente estabelecidas no exterior.

Rafaela Sahyoun volta a coreografar o Balé da Cidade de São Paulo depois da excelente peça *Fôlego* (2022), que está no repertório atual da companhia e foi recebida com entusiasmo no Brasil, na Suíça e na Alemanha. Michelle Moura é a outra convidada. Residente em Berlim, Michelle construiu uma sólida carreira como artista solo e coreógrafa, desenvolvendo uma técnica singular que articula o corpo através de associações assimétricas entre movimento, respiração e voz. Rafaela e Michelle são coreógrafas que desenvolvem um modo muito sofisticado, intenso e original de criar dança, trazendo novamente a importância de criadoras nacionais que desenvolveram suas pesquisas no Brasil e fazem parte de um circuito importante de dança contemporânea internacionalmente.

A última temporada de 2025 traz duas remontagens: *BIOGLOMERATA*, de Cristian Duarte, com a Orquestra Sinfônica Municipal, e *Fôlego*, de Rafaela Sahyoun. *BIOGLOMERATA* reativa uma coreografia de autogestão algorítmica com orquestração da OSM para theremin numa correlação constante entre continuidade e mudança, assim como *Fôlego*, de Rafaela Sahyoun, que retorna ao palco do Municipal em preparação para sua estreia em Paris em setembro de 2025.

O panorama curatorial de 2025 reafirma o compromisso do Balé da Cidade de São Paulo com a atualização, preservação e imersão no cenário internacional da dança contemporânea, solidificando seu papel como referência, elo entre a dança e o conhecimento.

Alejandro Ahmed
diretor artístico
Balé da Cidade de São Paulo



Réquiem SP

Balé da Cidade de São Paulo
Orquestra Sinfônica Municipal
Coral Paulistano

Alejandro Ahmed

criação, direção e coreografia

Maíra Ferreira

regência

A temporada de 2025, organizada pelo diretor artístico Alejandro Ahmed, apresenta a dança não apenas como uma expressão artística, mas como uma prática de reflexão profunda. Nesse cenário, o movimento dos(as) bailarinos(as) vai além da técnica, atuando como matéria para explorar e compreender as interações do corpo com o ambiente. Essa abordagem leva a companhia a investigar amplamente desde questões técnicas, como comportamentos, até as relações entre arte, estética e ética, com foco em explorar novos modos de entender o papel artístico de uma companhia pública.

A programação tem início com *Réquiem SP*, uma obra criada, dirigida e coreografada por Alejandro Ahmed. A *performance* terá a participação da Orquestra Sinfônica Municipal (OSM) e do Coral Paulistano, que interpretarão composições do húngaro György Ligeti e do músico eletrônico canadense Venetian Snares (Aeron Funk). A coreografia apresenta um desafio e um exercício que estabelece um diálogo entre distintas linhagens de dança, como

março

14 sexta 20h
15 sábado 17h
18 e 19 terça e quarta 20h
21 e 22 sexta e sábado 20h

Primeiro Ato:

György Ligeti

Requiem (30')

Interlúdio:

Venetian Snares

Hajnal (8')

Kétsarkú Mozgalom (9')

o balé, o *jumpstyle* e as danças urbanas e populares. A proposta investiga de maneira provocativa as possibilidades de articulação entre corpos, contextos e manifestações culturais, destacando as dinâmicas e a singularidade de uma cidade como São Paulo.

Uruguaio radicado no Brasil, Alejandro Ahmed atua como diretor artístico do Balé da Cidade de São Paulo desde julho de 2023. Reconhecido como um dos coreógrafos mais destacados da dança contemporânea no Brasil, Ahmed desenvolve uma abordagem artística que investiga as correlações entre corpos, ambientes e tecnologias, investigando os limites dos corpos e as suas possibilidades de transformação. Além de seu trabalho no Balé da Cidade de São Paulo, Ahmed é coreógrafo residente, diretor artístico e bailarino do Grupo Cena 11 Cia. de Dança, sediado em Florianópolis, Santa Catarina. Em 2022, como coreógrafo convidado do BCSP, criou *Sixty Eight em Axys Atlas*, que integra o repertório atual da companhia.



Alejandro Ahmed

classificação indicativa
não recomendado
para menores de 18 anos

duração total
60 minutos

Sala de Espetáculos
Theatro Municipal

Novas Criações de Rafaela Sahyoun e Michelle Moura

Balé da Cidade de São Paulo

maio

23 sexta 20h
24 e 25 sábado e domingo 17h
28, 29 e 30 quarta, quinta e sexta 20h
31 sábado 17h

junho

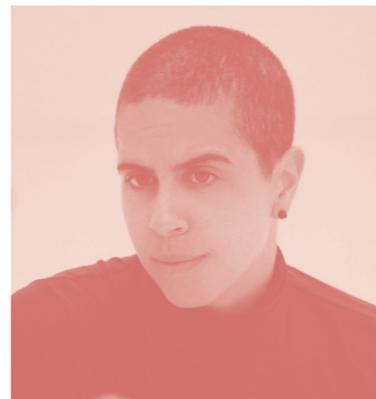
1 domingo 17h

Nova criação de
Rafaela Sahyoun
a ser anunciada

Nova criação de
Michelle Moura
ser anunciada



Michelle Moura



Rafaela Sahyoun

Rafaela Sahyoun

A nova coreografia explorará um campo relacional sustentado nas potencialidades emergentes das relações estabelecidas entre os corpos com e no espaço. O que move a criação de um campo comum gestado pelas diferenças, em que cada interação e cada movimento surgem a partir das oportunidades oferecidas por essas relações. A coreografia busca explorar como os sentidos operam de forma constante, transformando questões abstratas em experiências sensoriais tangíveis. A composição é concebida para que a plateia não apenas observe, mas para que todos os sentidos sejam envolvidos na experiência. A "afetabilidade" é entendida, por Rafaela, como um campo cognitivo-relacional, em que os afetos e as interações entre os corpos configuram sistemas complexos de emoção e percepção. A criação parte do potencial inerente dos corpos do elenco e da descoberta de novas possibilidades a partir desses potenciais.

Artista da dança e das matérias do corpo, a paulistana Rafaela Sahyoun se aprofunda no fazer coreográfico, na educação e na pesquisa continuada, atuando como bailarina colaboradora em contextos nacionais e internacionais. Formada pela SEAD – Salzburg Experimental Academy of Dance (Áustria, 2013) e pelo Trinity Laban Centre for Movement and Dance (Reino Unido, 2009), desenvolveu práticas pedagógicas com impacto internacional na formação de novos artistas. Rafaela colabora com instituições como a PERA School of Performing Arts (Chipre do Norte), EBB Elephant in the Black Box (França e Espanha) e o Programa de Pós-Graduação Corpo: Dança, Teatro e Performance do Célia Helena Centro de Artes e Educação (Brasil). Ela também foi curadora artístico-pedagógica do Festival DansPunt (2025) e está em processo de criação para a Companhia de Dança EBB, com estreia prevista para 2025 em Madri, Espanha. Principais obras coreográficas: *CRUSH* (2024), *Fôlego* (2022), *NINGUÉM MESOLTA [Don't Lose Me]* (2018), *Yeah, I've Been Watching You Lately* (2023), *Something to Phase Us: Who Goes There* (2022), *Wheel of Radical Affection* (2021) e *VAWM* (2020).

Michelle Moura

Em suas obras, Michelle Moura provoca uma sensação que oscila entre o cômico e o inquietante. Pensando a matéria do corpo humano e de outros corpos não humanos, a partir de uma escala mínima de movimento e de sua possibilidade de amplificação, ações banais e comuns, por vezes inconscientes, são o sumo que a coreógrafa vasculha até o limite. Ao fazer isso, evidencia algumas questões: o que no corpo é natural ou construído? Manipulamos ou somos manipulados pelos sentidos? O que posso me tornar ao reagir de outras formas? Em suas pesquisas, movimentos se cruzam e descruzam, palavras explicam e confundem, expressões faciais tentam evocar emoções e múltiplas vozes ecoam de uma única fonte – corpos.

Bailarina e coreógrafa brasileira radicada em Berlim, Michelle Moura tem explorado, em seus trabalhos dos últimos 12 anos, mudanças psicofísicas propondo experiências particulares para o corpo, como: não piscar (BLINK), falar sem mover a boca (Overtongue), hiperventilar (FOLE). Em *Overtongue* (2021) e *Lessons for Cadavers* (2023), ela se debruçou sobre a artificialidade e a dissociação de elementos, manipulando movimento, expressão, som e linguagem. Seu trabalho foi apresentado em espaços e festivais de dança como Tanz im August (Alemanha), Sophiensaele (Alemanha), Bienal de Veneza (Itália), Panorama (Brasil), entre outros. Michelle Moura começou sua formação em dança na Universidade Estadual do Paraná (Unespar), continuou no CNDC d'Angers (França) e Das Choreography (Holanda). Juntamente com sete artistas curitibanos, foi cofundadora e membro da Minicomunidade Artística Mundial Couve-Flor (2005-2012). Seu solo *Overtongue* foi uma das 13 produções convidadas para o Tanzplattform Deutschland 2022.

classificação indicativa
não recomendado
para menores de 18 anos

duração total
a ser anunciada

Sala de Espetáculos
Theatro Municipal

BIOGLOMERATA, de Cristian Duarte, e Fôlego, de Rafaela Sahyoun

Balé da Cidade de São Paulo
Orquestra Sinfônica Municipal

agosto

14 quinta 20h

15 sexta 20h

16 sábado 17h

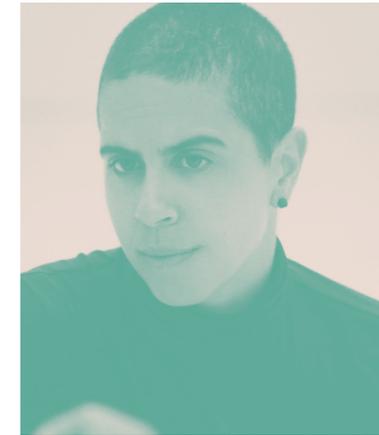
17 domingo 17h



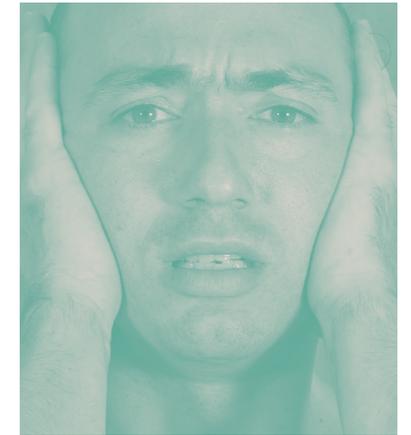
Cristian Duarte



Tom Monteiro



Rafaela Sahyoun



Joaquim Tomé

BIOGLOMERATA

Cristian Duarte
coreografia, direção
e espaço cênico

Tom Monteiro
composição original
para orquestra e theremin

Carlos Bauzys
orquestração

Alessandro Sangiorgi
regência

classificação indicativa
não recomendado
para menores de 18 anos

duração total
100 minutos
(com intervalo)

Sala de Espetáculos
Theatro Municipal

BIOGLOMERATA (2024)

Em 2025, *BIOGLOMERATA* será reencenada com a participação da Orquestra Sinfônica Municipal de São Paulo (OSM), sob a direção do maestro Alessandro Sangiorgi, com adaptações musicais de Tom Monteiro e Carlos Bauzys. A obra ressignifica e adapta o conceito original de *Biomashup*, que estreou em 2014 durante uma residência de Duarte no Lote, na Casa do Povo. Esta recriação para o Balé da Cidade de São Paulo (BCSP), cuja estreia ocorreu em 2024, oferece uma nova perspectiva ao repertório da companhia. Nessa versão, o elenco utiliza memórias de danças, gestos e referências para interagir com a música e com um ambiente em constante transformação, ampliando a compreensão dos tempos históricos. Os corpos dos bailarinos funcionam como forças dinâmicas, criando configurações transitórias que envolvem a percepção contínua do público. O músico Tom Monteiro, que utiliza o theremin – um instrumento eletrônico que permite a produção de sons sem contato físico –, introduz uma dimensão ética à *performance* em que o invisível se torna um elemento essencial para a experiência artística.

Com formação inicial no Estúdio e Cia Nova Dança (SP), um renomado centro de improvisação e pesquisa, o coreógrafo paulistano Cristian Duarte continuou seus estudos na P.A.R.T.S. (Performing Arts Research and Training Studios) em Bruxelas, onde se graduou em 2002. Em sua carreira, destaca-se pela criação de espaços inovadores para experimentação e formação em dança, tendo desenvolvido projetos como APT?, DESABA e LOTE/ZONA, em colaboração com artistas de destaque. Mantém, desde 2011, uma presença significativa como residente na Casa do Povo, em São Paulo. Sua trajetória inclui convites de instituições como DDSKS em Copenhage, P.A.R.T.S. em Bruxelas, UFRN e DOCH/SKH em Estocolmo. Atuou como coreógrafo para a Transitions Dance Company no Laban Center em Londres, para o Cullberg Ballet em Estocolmo e para o BCSP com *BIOGLOMERATA*, criada com o elenco em 2024.

Fôlego

Rafaela Sahyoun
concepção e coreografia

Joaquim Tomé
produção musical

The Field
trilha sonora

FÔLEGO

Fôlego (2022) é a primeira criação de Rafaela Sahyoun para o Balé da Cidade de São Paulo (BCSP), desenvolvida para a Sala Adoniran Barbosa em comemoração aos 40 anos do Centro Cultural São Paulo. A obra foi indicada ao Prêmio APCA de Dança 2022 na categoria Espetáculo – Estreia. Em janeiro de 2023, *Fôlego* foi revisitada para uma temporada no Theatro Municipal, marcando o 55º aniversário do BCSP. A proposta dramaturgica de *Fôlego* incentiva a exploração da condição dos indivíduos como sujeitos sociais. A coreografia reúne elementos como aglomerações, insistências e ciclos repetitivos, configurando-se como uma corrente elétrica que atravessa os corpos e reflete as mudanças contínuas no ambiente. Durante a *performance*, os gestos são mantidos até o ponto de esgotamento, permitindo que pequenas variações surjam como pistas interpretativas adicionais. A obra apresenta um corpo em fluxo constante, engajado em eventos que capturam a atenção do espectador por meio de nuances distintas. *Fôlego* oferece uma experiência relacional que alterna entre proximidade e distância, ressoando, transformando-se, falhando, desintegrando-se e renovando-se. Configura-se, assim, como um processo de contágio, caracterizado por um intercâmbio contínuo de desejos e assimilação.

Artista da dança e das matérias do corpo, a paulistana Rafaela Sahyoun se aprofunda no fazer coreográfico, na educação e na pesquisa continuada, atuando como bailarina colaboradora em contextos nacionais e internacionais. Formada pela SEAD – Salzburg Experimental Academy of Dance (Áustria, 2013) e pelo Trinity Laban Centre for Movement and Dance (Reino Unido, 2009), desenvolveu práticas pedagógicas com impacto internacional na formação de novos artistas. Rafaela colabora com instituições como a PERA School of Performing Arts (Chipre do Norte), EBB Elephant in the Black Box (França e Espanha) e o Programa de Pós-Graduação Corpo: Dança, Teatro e Performance do Célia Helena Centro de Artes e Educação (Brasil). Ela também foi curadora artístico-pedagógica do Festival DansPunt (2025) e está em processo de criação para a Companhia de Dança EBB, com estreia prevista para 2025 em Madri, Espanha. Principais obras coreográficas: *CRUSH* (2024), *Fôlego* (2022), *NINGUÉM MESOLTA [Don't Lose Me]* (2018), *Yeah, I've Been Watching You Lately* (2023), *Something to Phase Us: Who Goes There* (2022), *Wheel of Radical Affection* (2021) e *VAWM* (2020).

Março

s	t	q	q	s	s	d
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	Réquiem SP		14	15	16	
			20h		17h	
17	18	19	20	21	22	23
		20h			17h*	
24	25	26	27	28	29	30

* Excepcionalmente inicia no sábado

Maio

s	t	q	q	s	s	d
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
				16	17	18
Novas Criações			22	23	24	25
de Rafaela Sahyoun				20h	17h	17h
e Michelle Moura						
26	27	28	29	30	31	
		20h				

Agosto

s	t	q	q	s	s	d
		BIOGLOMERATA,			2	3
		de Cristian Duarte,				
		e Fôlego,				
4	5	de Rafaela Sahyoun			9	10
11	12	13	14	15	16	17
			20h	20h	17h	17h
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31

- Série Balé da Cidade Estreias 2025
- Série Balé da Cidade Sábado 2025
- Série Balé da Cidade Domingo 2025
- Série Balé da Cidade Dias Variados 2025

Preços

setor 1		setor 2		setor 3	
inteira	R\$ 234,60	inteira	R\$ 117,30	inteira	R\$ 33,15
meia	R\$ 117,30	meia	R\$ 58,65	meia	R\$ 16,58





Seja um assinante do Theatro Municipal

Confira todas as vantagens de ser um de nossos assinantes:

1. Conte com 15% de desconto na compra de ingressos para os espetáculos das séries de Óperas, Concertos Sinfônicos e Líricos, Balé da Cidade e Quarteto da Cidade;
2. Garanta os melhores lugares em toda a Temporada 2025;
3. Desfrute dos benefícios oferecidos pelas instituições culturais parceiras. Veja a seguir!

Pinacoteca

- 50% de desconto na compra de ingressos para exposições da Pinacoteca;
- 50% de desconto na associação ao Programa Amigos da Pina para compras através do site, com uso do cupom de desconto.

MIS

- 10% de desconto na compra de ingressos para exposições do MIS;
- 15% de desconto em cursos do MIS.

Cine Belas Artes

- 50% de desconto na compra de ingressos para as sessões regulares de cinema do Cine Belas Artes;
- 10% de desconto na assinatura anual do Belas Artes à La Carte.

MAM SP

- Entrada gratuita no MAM SP com direito a 1 (um) acompanhante;
- 10% de desconto na associação ao Programa de Sócios do MAM SP (categorias Família/Cultura);
- 10% de desconto em cursos do MAM SP.

MAM Rio

- Entrada gratuita para as exposições do MAM Rio com 1 (um) acompanhante;
- 20% de desconto na adesão ao programa Agente MAM Rio pelo site da instituição;
- 10% de desconto na compra de edições completas e/ou especiais do Clube de Colecionadores MAM Rio;
- 10% de desconto na loja física do MAM Rio para produtos próprios e catálogos do museu.

Museu do Ipiranga

- Ganhar ingressos via sorteio.

Ubu Editora

- Desconto de 20% na compra de livros do catálogo da Ubu;
- Desconto de 20% no primeiro mês de assinatura do Circuito Ubu.

Renovação de Assinaturas

Prioridade para Renovação de Assinaturas de 16/10 a 31/10 de 2024

Quem foi assinante da Temporada 2024 receberá pelo e-mail cadastrado um link para renovar sua assinatura para 2025. Caso tenha mudado de e-mail ou não consiga acessar o e-mail de cadastro, o assinante deve entrar em contato pelo e-mail assinaturas@theatromunicipal.org.br com nome e CPF, indicando “Renovação de Assinatura” no assunto.

Neste período não serão feitas trocas de lugares. Os assinantes que desejarem fazer troca devem acessar o link de renovação e escolher a opção de “troca de assentos”, e retornar o contato no período de troca usando o link de troca que será enviado por e-mail. O assento de 2024 estará garantido até o final do período de troca.

É possível renovar até 8 assinaturas, com limitação de no máximo 4 assinaturas de uma mesma série.

As assinaturas são individuais e intransferíveis.

Troca de lugares dos assinantes 2024

Prioridade para Troca de Lugares de 01/11 a 07/11 de 2024

Quem foi assinante da Temporada 2024 receberá pelo e-mail cadastrado um link de troca de lugares para 2025. Caso tenha mudado de e-mail ou não consiga acessar o e-mail de cadastro, o assinante deve entrar em contato pelo e-mail assinaturas@theatromunicipal.org.br com nome e CPF, indicando “Troca de Lugar” no assunto.

Venda para parceiros com benefícios

Prioridade para beneficiários de instituições culturais parceiras de 08 a 14/11 de 2024

Quem for beneficiário de instituições culturais parceiras poderá adquirir assinaturas através do link enviado pela instituição da qual é associado.

Venda para novos assinantes

15/11 a 23/12 de 2024

Nesse período, qualquer pessoa pode adquirir assinaturas para a Temporada 2025 diretamente pelo site do Theatro Municipal, respeitando o limite de 4 assinaturas de uma mesma série e o total de 8 assinaturas por CPF.

Como assinar

As assinaturas para as séries da Temporada 2025 podem ser adquiridas pelo nosso site theatromunicipal.org.br.

Haverá venda presencial de assinaturas na sala ao lado da bilheteria do Theatro, de segunda a sexta, das 12h às 20h, e sábados e domingos, das 10h às 18h.

PCD – Pessoa com deficiência: para sua comodidade, entre em contato pelo telefone (11) 3367-7256. O Theatro Municipal de São Paulo possui assentos reservados dentro das normas de acessibilidade para receber pessoas com deficiência e seus acompanhantes.

Canal de atendimento

Disponibilizamos um canal de atendimento para tirar suas dúvidas sobre o sistema de assinaturas e sobre a programação. O canal de atendimento não venderá assinaturas.

O canal de atendimento funciona de segunda a sexta, das 12h às 20h, e sábados e domingos, das 10h às 18h, pelo e-mail assinaturas@theatromunicipal.org.br ou pelo telefone (11) 3367-7256.

Condições de pagamento

Por cartão de crédito, parcelado em até 10 vezes sem juros, ou boleto à vista. Não envie cheques pelo correio nem faça depósito ou transferência de valores.

Não serão considerados e-mails ou cartas com solicitações de assinaturas e não serão consideradas mensagens com solicitações de assinaturas enviadas aos perfis do Theatro Municipal nas redes sociais. Ninguém, mesmo que se identifique como funcionário do Theatro Municipal de São Paulo ou da empresa de venda de ingressos, está autorizado a solicitar senhas ou formas de pagamento diferentes das previstas neste Caderno de Assinaturas.

Não serão aceitas reservas.

Descontos

De acordo com a legislação vigente, aplica-se o desconto de 50% para:

- aposentados, mediante apresentação do cartão de benefícios do INSS;
- maiores de 60 anos, mediante apresentação de documento com foto e data de nascimento;
- pessoas com deficiência e seus acompanhantes, quando necessário, mediante a apresentação de Cartão de Benefício de Prestação Continuada da Assistência Social da Pessoa com Deficiência ou de documento emitido pelo Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) que ateste a aposentadoria de acordo com os critérios estabelecidos na Lei Complementar nº 142, de 8 de maio de 2013;
- jovens de 15 a 29 anos de idade de baixa renda inscritos no Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal (CadÚnico) e cuja renda familiar mensal seja de até 2 (dois) salários mínimos, nos termos do previsto no §9º da Lei Federal 12.933/2013. Para a concessão do desconto em questão, será necessária a apresentação da carteirinha do IdJovem. Para gerar a identidade jovem acesse: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/idjovem>;
- professores da rede pública de ensino, mediante apresentação da carteira funcional da rede pública de ensino;
- diretores, coordenadores pedagógicos, supervisores e titulares de cargos do quadro de apoio das escolas das redes públicas estadual e municipais de ensino, nos termos da Lei Estadual 15.298/2014. Para a concessão do desconto em questão, será necessária a apresentação da carteira funcional emitida pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo ou a apresentação do holerite do servidor;
- estudantes (Carteira de Identificação Estudantil válida em 2025 emitida por entidade constante no art. 1º-A da Lei Federal 12.933/2013, confeccionada conforme modelo único padronizado nacionalmente e contendo certificação digital do Instituto Nacional de Tecnologia da Informação).

O benefício do desconto é pessoal e intransferível. Caso não seja possível a comprovação, o acesso será negado. Como alternativa, uma autorização de entrada poderá ser obtida na bilheteria do Theatro Municipal mediante o pagamento da diferença entre o valor do ingresso e o valor do bilhete integral avulso correspondente.

Ingressos – Cartão de Assinatura

Os ingressos serão disponibilizados em forma de Cartão de Assinatura (virtual, inicialmente, e em formato de cartão, posteriormente) com os dados de sua assinatura e código validador, tendo uma cor de cartão diferente para cada série. O cartão de assinatura referente a cada assinatura adquirida deve ser apresentado na entrada das/dos récitas/concertos de sua assinatura.

Retirada na bilheteria do Theatro Municipal de São Paulo

A entrega dos cartões de assinaturas será feita na entrada do primeiro evento de cada série. Solicitamos a chegada uma hora antes do início do evento para evitar filas.

Bilheteria do Theatro Municipal

Praça Ramos de Azevedo s/n – Centro

Segunda a sexta-feira, das 10h às 19h

Sábados e domingos, das 10h às 17h

Nos dias de espetáculos, aberta até o início ou intervalo do evento, quando houver.

Troca de ingressos

Não serão efetuadas trocas de ingressos emitidos.

Alterações e cancelamentos

Eventuais alterações na programação serão divulgadas no site theatromunicipal.org.br e em comunicado enviado por e-mail. Se houver cancelamento de programa pelo Theatro, serão oferecidas alternativas para a melhor forma de compensação. Não haverá cancelamento parcial de assinaturas.

Perda e esquecimento do Cartão de Assinatura

O Cartão de Assinatura é o passaporte para a entrada nas apresentações da assinatura adquirida. A identificação será eletrônica, por meio do código validador impresso no cartão, sendo, portanto, imprescindível a apresentação do mesmo para a validação de sua entrada.

Se houver extravio de seu cartão, o titular da assinatura deverá comparecer à bilheteria do Theatro Municipal de São Paulo para comprovação da identidade e retirada de seu código de acesso até uma hora antes do início do espetáculo. É necessária a apresentação de documento com foto, em que conste o número de CPF, para localização de sua assinatura.

Atrasos

Após o início do espetáculo, será permitida a entrada somente no intervalo. Em caso de atraso, não haverá reembolso ou troca de ingressos. Se houver necessidade de saída durante o espetáculo, o retorno só será permitido no intervalo.

Restrições

Não é permitido comer, beber ou fumar no interior da Sala de Concerto. Animais de estimação não podem acessar as dependências do Theatro Municipal de São Paulo – cães-guias são permitidos.

Aparelhos eletrônicos

Telefones celulares, relógios digitais e demais aparelhos sonoros deverão ser desligados durante os espetáculos. Também não serão permitidas gravações ou registros fotográficos sem prévia autorização da direção do CTMSP.



Doação de ingressos

O que mais queremos é ter sua presença conosco ao longo da nossa Temporada 2025. No entanto, caso haja algum empecilho em alguma data, você pode doar o seu ingresso sem uso e contribuir com a ampliação de acesso aos eventos do Complexo Theatro Municipal de São Paulo!

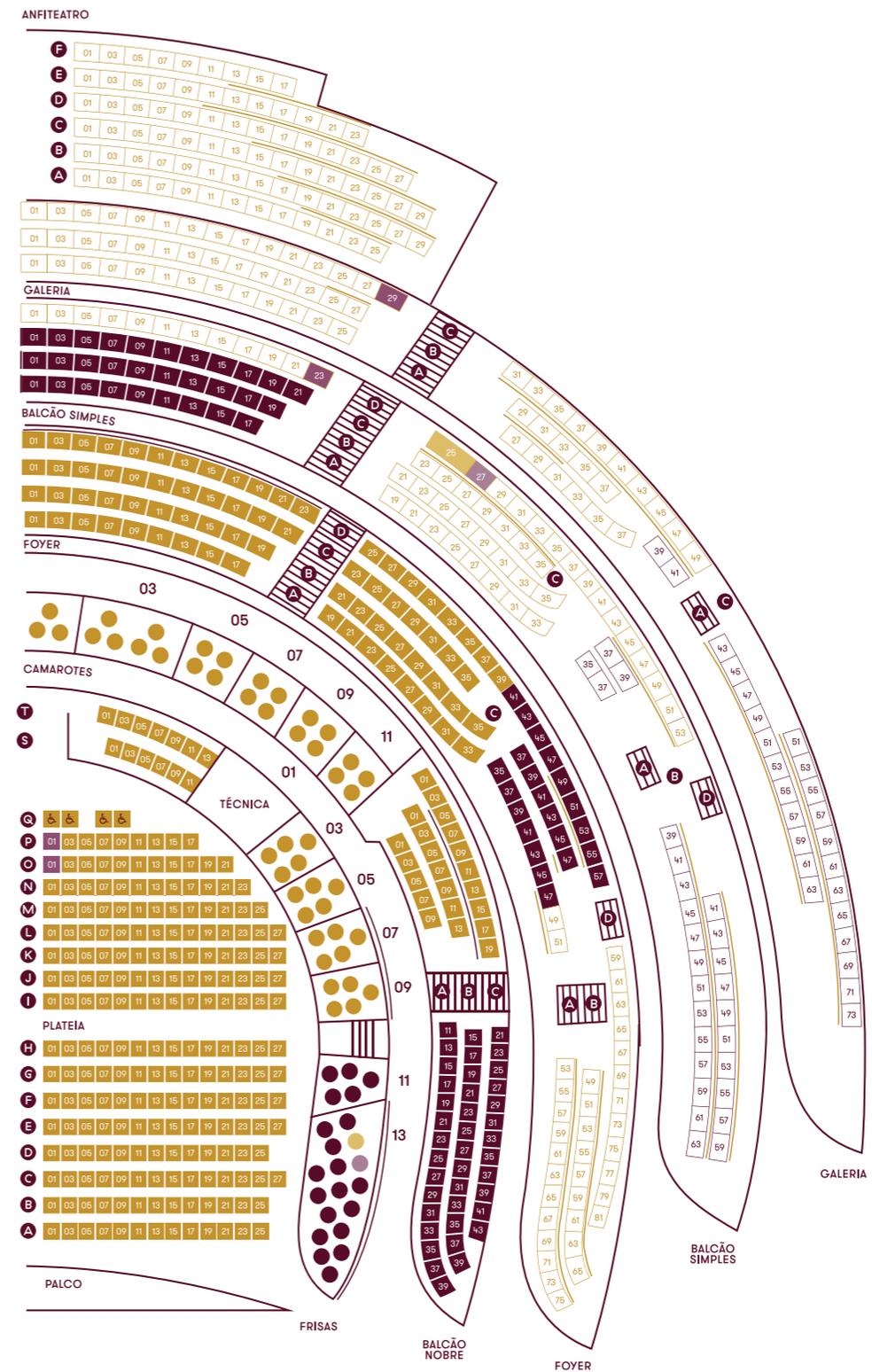
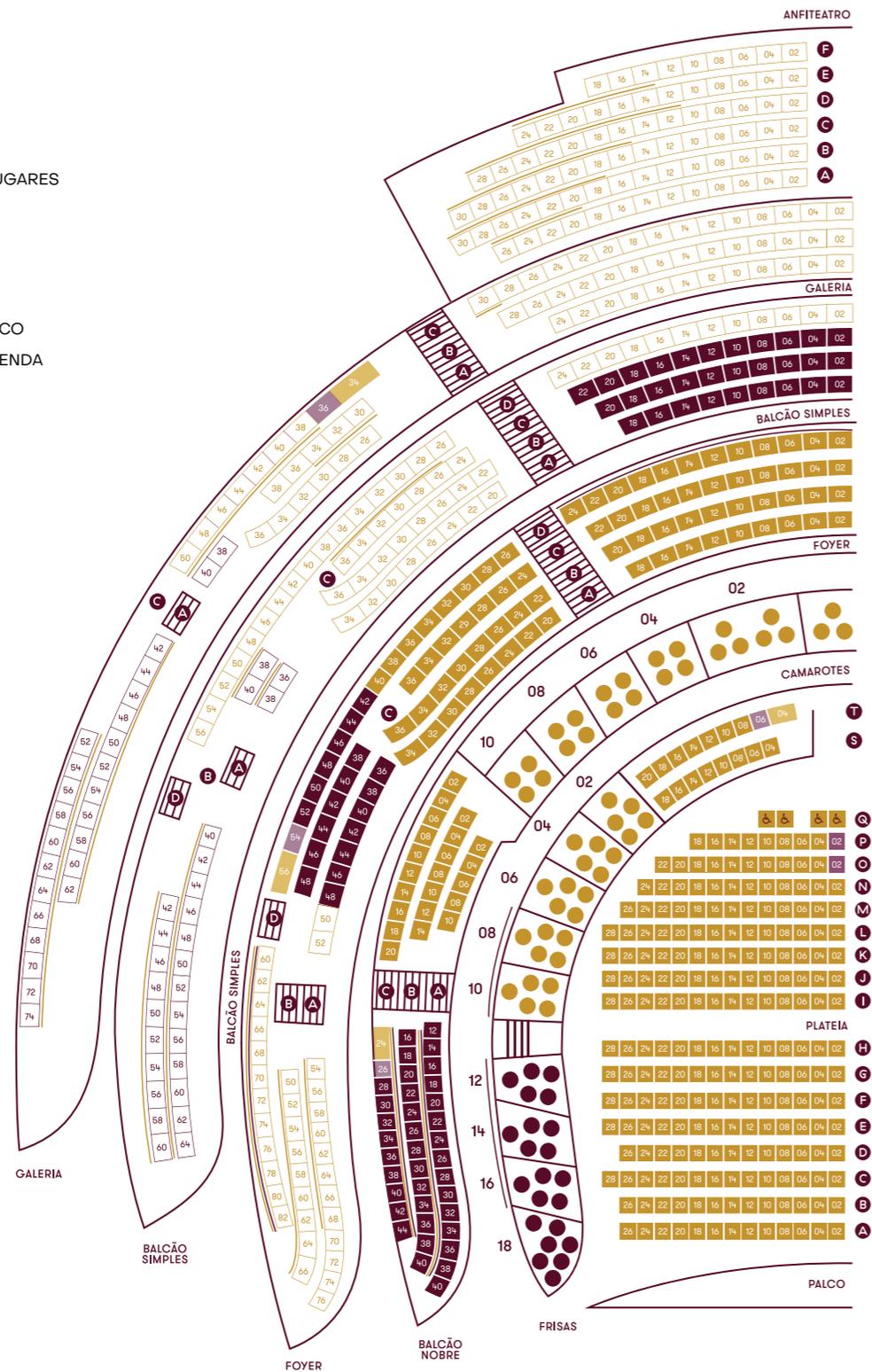
Para que mais pessoas possam assistir aos eventos, pedimos gentilmente ao assinante que não fará uso de seus ingressos que os cedam ao Serviço de Assinaturas, com até 24 horas de antecedência, sempre que souber da impossibilidade de comparecer à récita ou ao concerto.

Para doar seus ingressos, envie um e-mail com o nome do titular da assinatura, a data da récita ou do concerto e os ingressos (fileira e número) a serem doados para o e-mail assinaturas@theatromunicipal.org.br

Seu ingresso não utilizado poderá ser doado para instituições e incentivar a formação de novos públicos!

Mapa de assentos Sala de Espetáculos

- SETOR I – 743 LUGARES
- SETOR II – 226 LUGARES
- SETOR III – 450 LUGARES
- VISÃO PREJUDICADA – 104 LUGARES
- MOBILIDADE REDUZIDA
- OBESOS
- ACOMPANHANTES
- CADEIRANTES
- VISÃO PREJUDICADA DO PALCO
- VISÃO PREJUDICADA DA LEGENDA
- VISÃO PREJUDICADA DO PALCO E DA LEGENDA





Mapa de assentos Sala do Conservatório

- PLATEIA – 200 LUGARES
- ACOMPANHANTES
- CADEIRANTES
- 196 POLTRONAS

PLATEIA

20	18	16	14	12	10	08	06	04	02	J
20	18	16	14	12	10	08	06	04	02	I
20	18	16	14	12	10	08	06	04	02	H
20	18	16	14	12	10	08	06	04	02	G
20	18	16	14	12	10	08	06	04	02	F
20	18	16	14	12	10	08	06	04	02	E
20	18	16	14	12	10	08	06	04	02	D
20	18	16	14	12	10	08	06	04	02	C
20	18	16	14	12	10	08	06	04	02	B
18	14	12	10	08	06	04	02			A

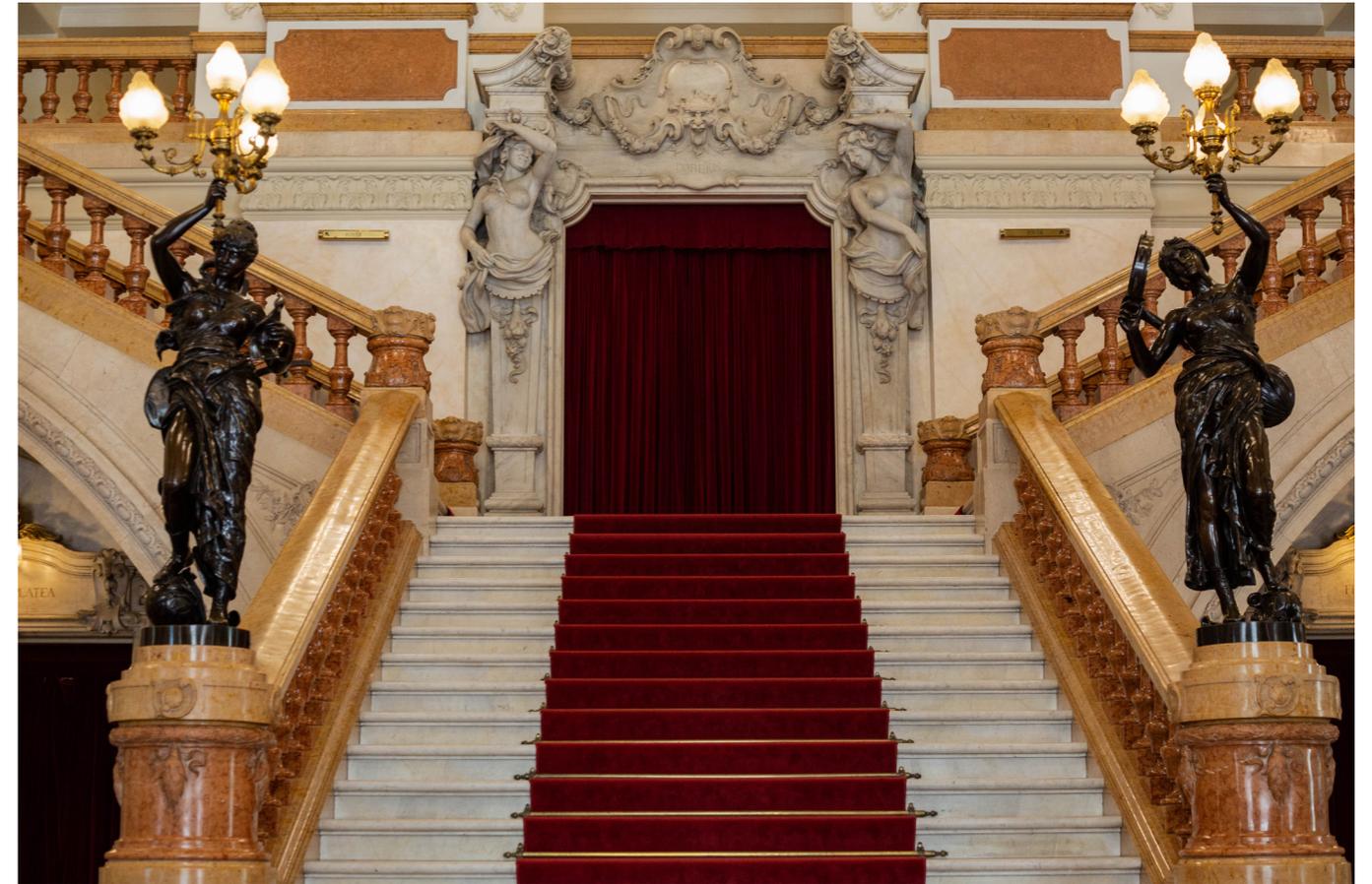
PLATEIA

J	01	03	05	07	09	11	13	15	17	19
I	01	03	05	07	09	11	13	15	17	19
H	01	03	05	07	09	11	13	15	17	19
G	01	03	05	07	09	11	13	15	17	19
F	01	03	05	07	09	11	13	15	17	19
E	01	03	05	07	09	11	13	15	17	19
D	01	03	05	07	09	11	13	15	17	19
C	01	03	05	07	09	11	13	15	17	19
B	01	03	05	07	09	11	13	15	17	19
A	01	03	05	07	09	11	13	15	17	19



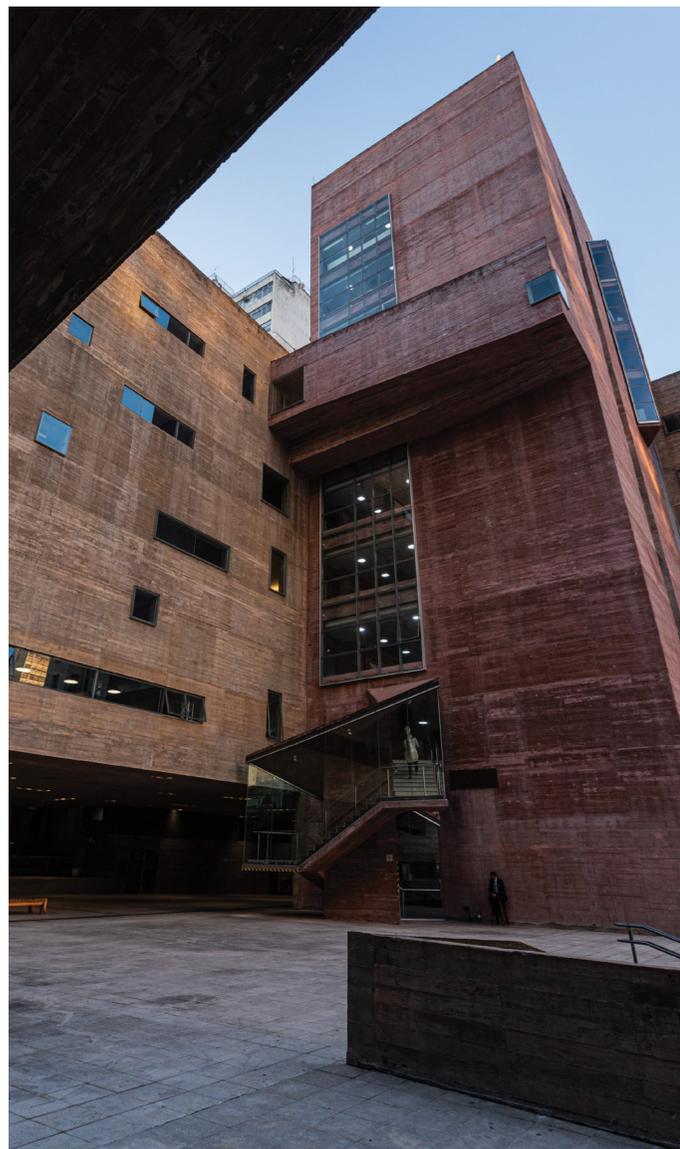
Complexo Theatro Municipal

Mais do que um teatro secular, somos um complexo de espaços e atrações pensado para aproximar cada vez mais a arte e as pessoas da cidade. Formado pelo **Theatro Municipal**, **Praça das Artes** e **Central Técnica**, o **Complexo Theatro Municipal de São Paulo** promove experiências culturais e educativas únicas para todos os públicos.



Theatro Municipal

A casa de ópera mais importante do Brasil e orgulho dos paulistanos tem, há 113 anos, suas portas e cortinas abertas para expressões artísticas clássicas e contemporâneas. Pelo palco do Theatro Municipal de São Paulo (TMSP) passaram as mais importantes companhias da primeira metade do século XX, trazendo nomes como Enrico Caruso, Maria Callas, Bidu Sayão, Arturo Toscanini, Camargo Guarnieri, Villa-Lobos, Francisco Mignone, Anna Pavlova, Arthur Rubinstein, Claudio Arrau, Duke Ellington, Ella Fitzgerald, Isadora Duncan, Nijinsky e Baryshnikov, entre muitos outros. Indo sempre além da cena clássica, o Theatro coroou sua vocação cosmopolita ao receber um dos principais eventos da história das artes do Brasil: a Semana de Arte Moderna de 1922, com Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Anita Malfatti e outros jovens que deram início ao movimento modernista brasileiro.



Praça das Artes

Inaugurada em 2012, a Praça das Artes é um espaço cultural criado para receber música, dança, teatro, exposições e manifestações contemporâneas das expressões artísticas. Além de fazer parte da revitalização cultural do centro histórico de São Paulo e ser um convite à reconexão com a cidade, a construção é uma solução de integração dos corpos artísticos e administrativos do Theatro e é também sede da Escola de Dança e da Escola Municipal de Música de São Paulo. Sua concepção teve como premissa desenhar uma área que abraçasse o antigo prédio tombado do Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, e que constituísse um edifício moderno e uma praça aberta ao público que circula pela área.



Central Técnica

A Central Técnica de Produções Artísticas Chico Giacchieri é dedicada não só à preservação, restauração e ao armazenamento dos cenários e figurinos de produções líricas e de dança do Theatro como também à criação e ao desenvolvimento de peças para novas montagens. A Central Técnica possui um acervo de indumentárias de 1948 aos dias atuais, que está sendo atualizado e catalogado para pesquisa do público interessado, reaproveitamento nos espetáculos do próprio Theatro Municipal de São Paulo ou locação e empréstimo para outros teatros. Como parte do acervo artístico, há cerca de 30 mil itens de figurino e trajes de cena.

Gestão Sustenidos

A Sustenidos Organização Social de Cultura administra o Complexo Theatro Municipal de São Paulo dentro do modelo de gestão de Organização Social, firmado com a Fundação Theatro Municipal de São Paulo e a Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura da Cidade de São Paulo. Para fazer frente ao desafio de gerir uma instituição centenária e de tamanha complexidade, a Sustenidos traz na bagagem sua larga experiência em parcerias com entes públicos e na articulação de diferentes instâncias da sociedade para o atingimento de resultados, sempre pautada pelo diálogo, pela transparência e pela eficácia na utilização dos recursos.

SUSTENIDOS



Conheça o Núcleo de Acervo e Pesquisa do Theatro Municipal

O Núcleo de Acervo e Pesquisa (NAP) integra a Gerência de Formação, Acervo e Memória e é responsável pela gestão do acervo do Complexo Theatro Municipal de São Paulo (CTMSP). O acervo abrange uma ampla variedade de itens documentais e coleções de diferentes tipologias e suportes, que estão acondicionados em três espaços do CTMSP: o edifício histórico do Theatro Municipal, o Centro de Documentação e Memória (localizado na Praça das Artes) e a Central Técnica de Produções Artísticas Chico Giacchieri (situada no bairro do Canindé).

Com uma equipe multidisciplinar, o núcleo desenvolve práticas de classificação, catalogação e conservação preventiva, com o objetivo de integrar as coleções documentais, iconográficas, audiovisuais e de figurinos. Essa abordagem possibilita o acesso público por meio do portal de acervo. Além disso, o NAP realiza pesquisas constantes para aprofundar o conhecimento sobre a história do Theatro Municipal, seu papel na cultura da cidade e do país, e as trajetórias das pessoas que vivenciaram suas 11 décadas de existência.

Programa Municipal Circula

O Theatro Municipal de São Paulo, com o compromisso de ampliar e promover o acesso à sua programação, realiza o Programa Municipal Circula em diversos espaços culturais da cidade, prioritariamente nas regiões periféricas.

Os seis corpos artísticos do Theatro Municipal se apresentam em centros culturais, casas de culturas, teatros dos CEUs (Centro Educacional Unificado) e em outras instituições culturais dos bairros periféricos.

A partir de uma rede de instituições culturais, escolas, CEUs, CCAs (Centro para Crianças e Adolescentes), CDIs (Centro Dia para Idosos) mobilizada e articulada pelo programa, é proporcionada a ida do público à instituição onde a apresentação se dará. Em outro momento, o público é convidado a assistir, no Theatro Municipal, a uma apresentação de um de seus corpos artísticos. Quase sempre, essa é a primeira vez que entram no Theatro Municipal.

Além das apresentações dos corpos artísticos, o programa realiza ações nas escolas públicas municipais e instituições culturais, nas regiões onde acontece a apresentação, voltadas à introdução da música clássica para diferentes idades. O Programa Municipal Circula leva o filme de animação *Pedro e o Lobo* e propõe atividades de ampliação da escuta musical e registro da percepção.

Encontros de grupos organizados de dança e música das regiões periféricas e artistas do Theatro são realizados dentro da articulação do Programa Municipal Circula, que integra o Núcleo de Articulação e Extensão da Gerência de Formação, Acervo e Memória.



Núcleo de Educação

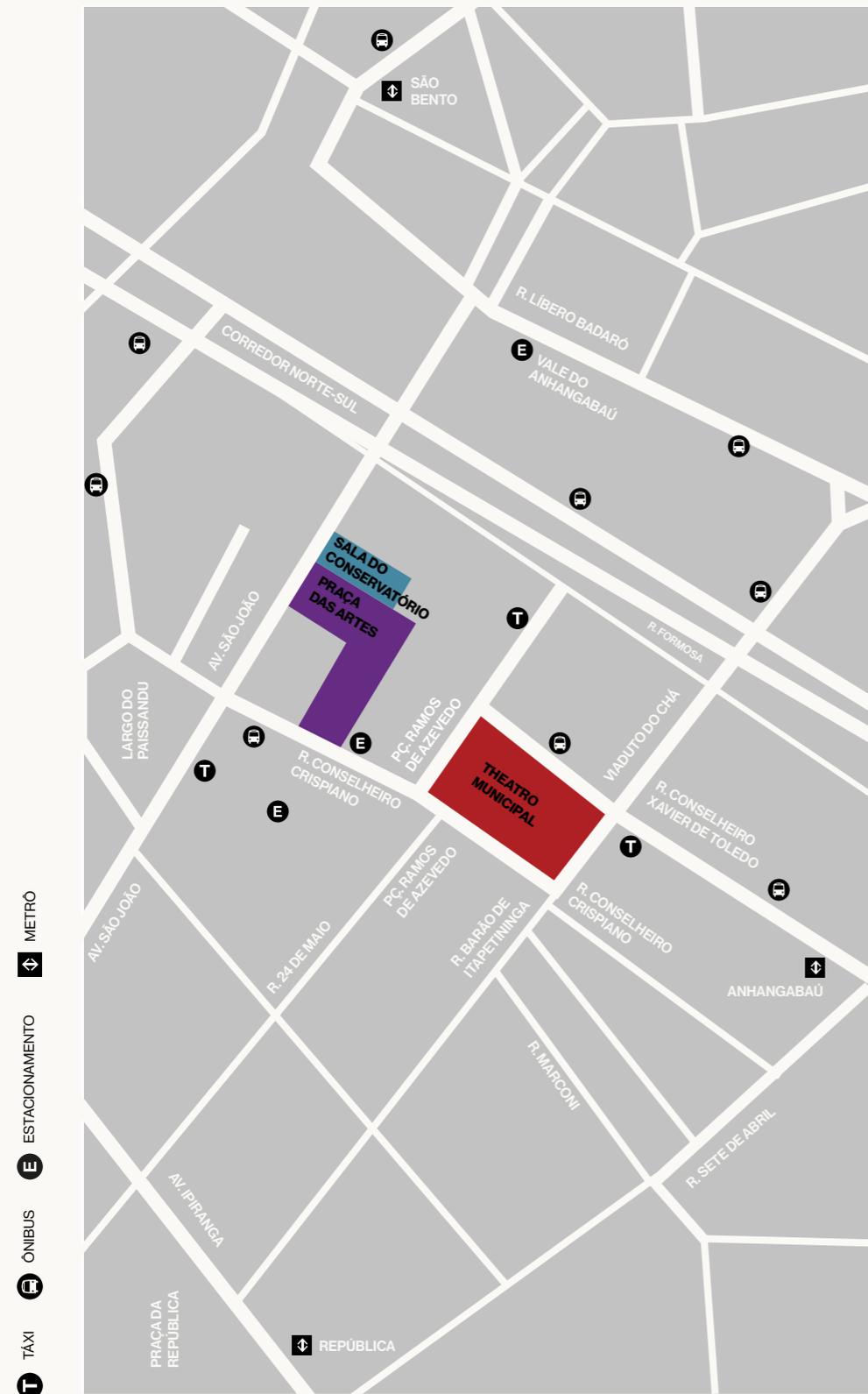
O Núcleo de Educação atua na garantia do acesso ao edifício do Theatro Municipal, à Praça das Artes e à Central Técnica acolhendo e convidando as pessoas a participar de suas atividades e conhecer sua história por meio de uma programação diversificada e gratuita com visitas educativas, visitas temáticas, ateliês abertos e residências artísticas. As visitas educativas ao Complexo Theatro Municipal, que atende cerca de 30 mil pessoas ao ano, apresentam conteúdos históricos e artísticos do Theatro, estimulam o diálogo e a participação dos grupos, passando por seus principais espaços. O Núcleo dialoga com o entorno e aprofunda os vínculos do público com o Theatro, valorizando os conhecimentos artísticos e técnicos de seus profissionais. Na dimensão da memória, o Núcleo, que integra a Gerência de Formação, Acervo e Memória, mobiliza processos constantes de atualização, reafirmação e compartilhamento.

Programa de Gratuidade

O Complexo Theatro Municipal de São Paulo (CTMSP) oferece ingressos gratuitos para que escolas, instituições culturais e ONGs participem da nossa programação. O Programa de Gratuidade tem o objetivo de ampliar o acesso de diferentes públicos à programação do CTMSP.

Para participar, a instituição deve realizar um cadastro prévio pelo e-mail: **gratuidade@theatromunicipal.org.br**

Em caso de dúvidas, fale com o Núcleo de Educação por telefone/WhatsApp: (11) 3367-7235



Como chegar ao
Theatro Municipal
e à Praça das Artes

O Theatro Municipal fica na Praça Ramos, s/n, Centro, próximo à estação do metrô Anhangabaú, com fácil acesso também pelas estações República e São Bento.

A Praça das Artes fica na Avenida São João, 281, Centro, entre as estações de metrô Anhangabaú e São Bento, com acesso também pela Rua Conselheiro Crispiniano, 378, e pelo Vale do Anhangabaú.

Estacionamento
Praça das Artes

Se você preferir ir de carro, poderá utilizar o estacionamento da Praça das Artes, localizado na Rua Conselheiro Crispiniano, 378, com acesso à direita pela Praça Ramos de Azevedo (atrás do Theatro Municipal de São Paulo). Há serviço de valet. O estacionamento também poderá ser usado por ciclistas, que têm acesso ao Theatro pelos trechos das ciclovias da cidade que chegam às áreas centrais, como a Praça da República.



SuBte Café
segunda a sexta 10h-18h
sábado 10h-16h
almoço 11h30-15h30
Praça das Artes



**Salão Dourado –
Restaurante e Café**
terça a sexta 11h-16h
sábado e domingo 10h-16h

Aberto uma hora antes do início
dos espetáculos e durante
os intervalos.

Subsolo – Bar dos Arcos
terça e quarta 18h-1h
quinta e sexta 18h-2h
sábado 18h-3h
📷 @basdosarcos



Andrea Caruso Saturnino
superintendente geral do Complexo
Theatro Municipal de São Paulo

Andrea Caruso Saturnino é formada em letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), mestre em artes cênicas pela Sorbonne Nouvelle (Paris) e doutora em artes cênicas pela Universidade de São Paulo (USP). É gestora, superintendente geral do Complexo Theatro Municipal de São Paulo (CTMSP), curadora artística, fundadora da plataforma e do festival Brasil Cena Aberta e da produtora Performas, responsável por apresentar grandes nomes das artes cênicas internacionais no Brasil e por criar projetos expositivos e multidisciplinares. Desenvolve pesquisa no campo das artes cênicas contemporâneas, é autora de diversos artigos e do livro *Ligeiro Deslocamento do Real – Experiência, Dispositivo e Utopia em Cena*, Edições Sesc. É membro do Conselho Diretor da Ópera Latioamérica (OLA).



Roberto Minczuk
direção musical e regência
da Orquestra Sinfônica Municipal

Roberto Minczuk fez sua estreia como solista no Theatro Municipal de São Paulo quando tinha apenas 10 anos, como trompista. Aos 13 anos, foi escolhido por Isaac Karabtchevsky como primeira trompa da Orquestra Sinfônica Municipal (OSM) e, depois disso, mudou-se para Nova York e se formou na Juilliard School of Music. Como solista, fez sua estreia no Carnegie Hall aos 17 anos. Aos 20, tornou-se membro da Orquestra Gewandhaus de Leipzig, na Alemanha. Como maestro, fez sua estreia internacional à frente da Filarmônica de Nova York, na qual, mais tarde, foi regente associado. Desde então, já regeu mais de cem orquestras internacionais. Foi diretor artístico do Festival Internacional de Inverno de Campos do Jordão, diretor artístico adjunto da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (Osesp), diretor artístico do Theatro Municipal do Rio de Janeiro e maestro titular da Orquestra Sinfônica de Ribeirão Preto, sendo o primeiro artista a receber o Prêmio ConcertArte, de Ribeirão Preto. Venceu o Grammy Latino e foi indicado ao Grammy Americano com o álbum *Jobim Sinfônico*. Hoje, é maestro titular da Orquestra Sinfônica Municipal, maestro emérito da Orquestra Sinfônica Brasileira (OSB), da qual foi regente titular de 2005 a 2015, e maestro emérito da Orquestra Filarmônica de Calgary, no Canadá. Em 2019, completou 25 anos de carreira.



Máira Ferreira
regente titular
do Coral Paulistano

Máira Ferreira, maestra titular do Coral Paulistano, tem se destacado pela dedicação em divulgar a música brasileira, especialmente aquela composta hoje, atuando nas diversas frentes ligadas à música coral: de câmara, sinfônica e operística. Além disso, vem desenvolvendo um trabalho amplo e significativo no cenário coral, desde sua atividade à frente do Coral Avançado do Instituto Baccarelli (2015-2022) e do Coro Adulto da Escola Municipal. É bacharel em regência e em piano pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e possui mestrado em regência pela Universidade Butler em Indianápolis (EUA), sob orientação do maestro Henry Leck. Ao longo de seus estudos, trabalhou com diversos coros, entre eles Butler Chorale, University Choir e Indianapolis Symphonic Choir, tendo se apresentado em importantes salas de concertos dos Estados Unidos, incluindo o Carnegie Hall. Destacam-se ainda suas atuações como maestra convidada à frente do Coro da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (Osesp) e da Orquestra Experimental de Repertório (OER), bem como a participação na temporada de ópera do Theatro São Pedro.



Isabela Siscari
regente assistente
do Coral Paulistano

Isabela Siscari é bacharel em piano e em regência coral pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), onde também se tornou mestra em música, sob orientação de Angelo Fernandes. Atualmente, é regente assistente do Coral Paulistano e cursa doutorado na Universidade de São Paulo (USP), orientada por Ricardo Ballester. Tem trabalhado como regente, pianista colaboradora e diretora de palco em montagens de óperas e musicais, como *Le Nozze di Figaro* (Saluzzo Opera Academy, 2021), *Die Fledermaus* (Berlin Opera Academy, 2021), *West Side Story* (Theatro São Pedro, 2020), *Gianni Schicchi* (1º Festival Internacional de Ópera de Goiânia), *La Serva Padrona* e *La Traviata* (Ópera Estúdio Unicamp). Foi regente assistente dos Canarinhos da Terra e do Coral do Colégio Visconde de Porto Seguro de Valinhos (SP). Integrou o Coro Contemporâneo de Campinas entre 2012 e 2021, sob regência de Angelo Fernandes, como membro do naipe de sopranos, regente assistente e produtora.



Érica Hindrikson
regente assistente
do Coro Lírico

Graduada em composição e regência pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp), Érica Hindrikson teve como professores os maestros Eleazar de Carvalho, Roberto Duarte, Mario Benzecry (Argentina), Naomi Munakata e Samuel Kerr. Em dezembro de 1995, venceu o concurso para regente assistente da Orquestra Experimental de Repertório (OER) e, em 1997, ganhou o 1º Concurso para Regentes da Orquestra Sinfônica do Chile. Trabalhou como regente assistente na OER de janeiro de 1996 a julho de 2000 e com o Coral da Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo de 1992 a 1997. Em dezembro de 2000, foi convidada a ocupar o cargo de regente assistente da Banda Sinfônica do Estado de São Paulo, no qual permaneceu até março de 2009, quando aceitou o convite para trabalhar como maestra assistente no Coro Lírico do Theatro Municipal de São Paulo. De 2005 a 2008, foi também maestra da Camerata Callis. Como professora de percepção musical, trabalhou no Centro de Estudos Musicais Tom Jobim (antiga ULM) de agosto de 2000 a agosto de 2006. Em abril de 2012, assumiu a direção musical e regência da Orquestra Sinfônica Jovem Municipal de São Paulo, cargo que ocupa até hoje.



Alejandro Ahmed
diretor artístico
do Balé da Cidade

Alejandro Ahmed é coreógrafo autodidata, diretor artístico e *performer* do grupo Cena 11 Cia. de Dança, com o qual desenvolve uma técnica que visa à produção da dança em função do corpo e de suas extensões. Suas investigações trouxeram novas definições para o conceito de coreografia: expressões como "situação coreográfica", "coreografia imaterial" e "dança generativa" nomeiam os campos de interesse de Alejandro Ahmed e guiam seu trabalho com o Cena 11. Suas novas proposições teórico-práticas estabelecem a tríade correlacional emergência-coerência-ritual que orienta seu trabalho. Suas obras já foram apresentadas em diversas cidades brasileiras e em países dos cinco continentes. Artista visionário, ao longo de sua carreira foi premiado quatro vezes pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA), além de conquistar os prêmios Bravo, Sergio Motta de Arte e Tecnologia, Itaú Transmídia, Itaú Rumos Dança, Honra ao Mérito Cultural Cruz e Souza, além da Bolsa Vitae. Desde 2023, é diretor artístico do Balé da Cidade de São Paulo.



Conheça nossos corpos artísticos

Orquestra Sinfônica Municipal

A história da Orquestra Sinfônica Municipal (OSM) se mistura com a da música orquestral em São Paulo, com participações memoráveis em eventos como a primeira Temporada Lírica Autônoma de São Paulo, com a soprano Bidu Sayão; a inauguração do Estádio do Pacaembu, em 1940; a reabertura do Theatro Municipal, em 1955, com a estreia da ópera *Pedro Malazarte*, regida pelo compositor Camargo Guarnieri; e a apresentação nos Jogos Pan-Americanos de 1963, em São Paulo. Estiveram à frente da orquestra os maestros Arturo de Angelis, Zacharias Autuori, Edoardo Guarnieri, Lion Kaniefsky, Souza Lima, Eleazar de Carvalho, Armando Belardi e John Neschling. Roberto Minczuk é o atual regente titular e Alessandro Sangiorgi o regente assistente da OSM.

Coro Lírico Municipal

Formado por cantores que se apresentam regularmente como solistas nos principais teatros do país, o Coro Lírico Municipal de São Paulo atua nas montagens de óperas das temporadas do Theatro Municipal, em concertos com a Orquestra Sinfônica Municipal, com o Balé da Cidade de São Paulo e em apresentações próprias. O Coro Lírico teve como primeiro diretor o maestro Fidelio Finzi, que preparou o grupo para a estreia em *Turandot*, em 13 de junho de 1939. Recebeu os prêmios APCA de Melhor Conjunto Coral de 1996 e o Carlos Gomes, em 1997, na categoria Ópera. Atualmente Érica Hindrikson é a regente titular interina. Em 2019, o Coro Lírico celebrou 80 anos.

Coral Paulistano

Com a proposta de levar a música brasileira ao Theatro Municipal de São Paulo, o Coral Paulistano foi criado, em 1936, por iniciativa de Mário de Andrade. Marco da história da música em São Paulo, o grupo foi um dos muitos desdobramentos da Semana de Arte Moderna de 1922. Ao longo de décadas, o coral esteve sob a orientação de alguns dos mais destacados músicos de nosso país, como Camargo Guarnieri, Frutuoso Vianna, Miguel Arqueróns, Tullio Colacioppo, Abel Rocha, Zwinglio Faustini, Antão Fernandes, Samuel Kerr, Henrique Gregori, Roberto Casemiro, Mara Campos, Tiago Pinheiro, Bruno Greco Facio, Martinho Lutero Galati e Naomi Munakata. Com uma extensa programação de apresentações de música brasileira erudita em diferentes espaços da cidade, renovou seu fôlego e reacendeu sua autenticidade. Atualmente chamado de Coral Paulistano, tem como regente titular a maestra Maira Ferreira.

Quarteto de Cordas da Cidade de São Paulo

O Quarteto de Cordas da Cidade de São Paulo foi fundado em 1935 com a ideia de difundir a música de câmara e estimular compositores brasileiros. É um grupo artístico fixo do Theatro Municipal de São Paulo. A atual formação conta com os violinistas Betina Stegmann e Nelson Rios, o violista Marcelo Jaffé e o violoncelista Rafael Cesario, músicos de intensa atividade no cenário musical brasileiro e prestígio internacional. Já foi laureado com os prêmios Carlos Gomes de Melhor Conjunto de Câmara em 2003, 2011 e 2012 e APCA de Melhor Conjunto Camerístico em 2003, 2011 e 2012.

Orquestra Experimental de Repertório

A Orquestra Experimental de Repertório (OER) foi criada em 1990, a partir de um projeto do maestro Jamil Maluf, e oficializada pela Lei 11.227, de 1992. A OER tem por objetivos a formação de profissionais de orquestra da mais alta qualidade, a difusão de um repertório abrangente e diversificado, que mostre o extenso alcance da arte sinfônica, bem como a formação de plateias. Entre os vários reconhecimentos que recebeu estão os prêmios Carlos Gomes, como destaque de música erudita de 2012, e APCA de Melhor Produção de Ópera de 2017. Atualmente, Guilherme Rocha é o regente titular.

Balé da Cidade de São Paulo

O Balé da Cidade de São Paulo (BCSP) foi criado em 7 de fevereiro de 1968 com o nome de Corpo de Baile Municipal. Inicialmente com a proposta de acompanhar as óperas do Theatro Municipal e se apresentar com repertório clássico, teve Johnny Franklin como seu primeiro diretor artístico. Em 1974, sob a direção de Antônio Carlos Cardoso, assumiu o perfil de contemporâneo, que mantém até hoje. Em todos esses anos, se definiu como um celeiro de novos vocábulos de dança, inovação de movimento e criação de novas expressões artísticas. A carreira internacional da companhia teve início com a participação na Bienal de Dança de Lyon, na França, em 1996. A longevidade do Balé da Cidade de São Paulo, o rigor e o padrão técnico do elenco e da equipe artística atraem os mais importantes coreógrafos brasileiros e internacionais, interessados em criar obras para o grupo.

Prefeitura Municipal de São Paulo	<p>Prefeito Ricardo Nunes</p> <p>Secretária Municipal de Cultura Regina Célia da Silveira Santana</p> <p>Secretário Adjunto Thiago Lobo</p> <p>Chefe de Gabinete Rogério Custodio de Oliveira</p>
--	---

Fundação Theatro Municipal de São Paulo	<p>Direção Geral Abraão Mafra</p> <p>Direção de Gestão Dalmo Defensor</p> <p>Direção Artística Andreia Mingroni</p> <p>Direção de Formação Cibeli Moretti</p> <p>Direção de Produção Executiva Enrique Bernardo</p>
--	--

Conselho Administrativo Sustenidos	<p>André Isnard Leonardi (presidente), Claudia Ciarrocchi, Gabriel Fontes Paiva, Gildemar Oliveira, José Alexandre Pereira de Araújo, Magda Pucci, Monica Rosenberg, Odilon Wagner, Renata Bittencourt e Wellington do C. M. de Araújo</p>
---	--

Conselho Consultivo Sustenidos	<p>Elca Rubinstein (presidente), Abigail Silvestre Torres, Adriana do Nascimento Araújo Mendes, Ana Maria Wilhelm, Celia Cristina Monteiro de Barros Whitaker, Daniel Annenberg, Gabriel Whitaker, Leonardo Matrone, Luciana Temer, Luiz Guilherme Brom, Marisa Fortunato, Melanie Farkas (<i>in memoriam</i>) e Paula Raccanello Storto</p>
---------------------------------------	--

Conselho Fiscal Sustenidos	<p>Bruno Scarino de Moura Accioly, Daniel Leicand e Paula Cerquera Bonanno</p>
-----------------------------------	--

Sustenidos Organização Social de Cultura (Theatro Municipal)	<p>Diretora Executiva Alessandra Fernandez Alves da Costa</p> <p>Diretor Administrativo-Financeiro Rafael Salim Balassiano</p> <p>Gerente Financeira Ana Cristina Meira Coelho Mascarenhas</p> <p>Gerente de Controladoria Leandro Mariano Barreto</p> <p>Contadora Cláudia dos Anjos Silva</p> <p>Gerente de Suprimentos Susana Cordeiro Emídio Pereira</p> <p>Gerente Jurídica Adline Debus Pozzebon</p> <p>Gerente de Recursos Humanos Ana Cristina Cesar Leite</p> <p>Gerente de Mobilização de Recursos Marina Funari</p> <p>Gerente de Tecnologia e Sistemas Yudji Alessander Otta</p>
---	--

Complexo Theatro Municipal de São Paulo

Superintendente Geral Andrea Caruso Saturnino

Secretária Executiva Valeria Kurji

Gerente de Produção/Programação Artística Nathália Costa

Coordenadora de Produção Rosana Taketomi de Araujo

Equipe de Produção André Felipe Lino de Jesus, Carla Luiza Silveira Henriques, Carlos Eduardo Marroco, Cinthia Cristina Derio, Eliana Aparecida dos Santos Filinto, Felipe Costa, Karine dos Santos, Laura de Campos Françaço, Laura Cibele Gouvêa Cantero, Luiz Alex Tasso, Mariana Perin, Rodrigo Correa da Silva, Ronaldo Gabriel de Jesus da Silva, Rosa Casalli e Rosangela Reis Longhi

Bolsistas Letícia Pereira Guimarães e Rhayla Winnye Alves Dutra de Oliveira Nunes

Coordenadora de Programação Artística Camila Honorato Moreira de Almeida

Equipe de Programação Bruna de Fátima Mattos Teixeira, Isis Cunha Oliveira Barbosa, Maira Scarello e Marcelo Augusto Alves de Araújo

Bolsista Ruby Máximo dos Santos Figueiredo

Gerente de Musicoteca Ruthe Zoboli Pocebon

Equipe de Musicoteca Carolina Aleixo Sobral, Cassio Mendes Antas, Diego Scarpino Pacioni, Felipe Faglioni, Jonatas Ribeiro, Leonardo Serrão Minoci de Oliveira, Martim Butcher Cury e Monik Regina da Silva Freitas

Pianista Correpetidor Anderson Brenner

Gerente de Formação, Acervo e Memória Ana Lucia Lopes

Equipe de Formação, Acervo e Memória Clarice de Souza Dias Cará e Stig Lavor

Bolsistas de Dramaturgismo Alicia Oliveira Corrêa, Gabriel Labaki Agostinho Luvizotto e Karina da Silva Sousa

Coordenadora de Educação Adriane Bertini Silva

Supervisora de Educação Dayana Correa da Cunha

Equipe de Educação Armr'ore Erormray de Souza Macena, Bianca Stefano Vyunas, Camila Aparecida Padilha Gomes, Diego Diniz Intriери, Gabriel Zanetti Pieroni, Igor Antunes Silva, Joana Oliveira Barros Rodrigues de Rezende, Luciana de Souza Bernardo, Mateus Masakichi Yamaguchi, Matheus Santos Maciel, Monike Raphaela de Souza Santos e Renata Raíssa Pirra Garducci

Estagiária Clara Carolina Augusto Garcia Gois

Bolsistas Davison Casemiro e Maria Eduarda Valim Guerra dos Santos

Aprendizes Ana Beatriz Silva Correia, Enzo Holanda e Mariana Filardi

Coordenador de Acervo e Pesquisa Rafael Domingos Oliveira da Silva

Equipe de Acervo e Pesquisa Andreia Francisco dos Reis, Bruno Bortoloto do Carmo, Rafael de Araujo Oliveira e Shirley Silva

Estagiários Brenda da Silva Souza, Clara Carolina Augusto Garcia, Daniela Addressa Baez Garcia de Oliveira, Gabriela Eutran da Silva, Giovana Santos de Medeiros, Karina Araujo do Nascimento, Maria Luiza Viana Patricio, Nathalia Hara de Oliveira e Thalya Duarte de Gois

Bolsistas Luan Augusto Pereira Silva e Marcelina Dulce Muhongo

Coordenador de Ações de Articulação e Extensão Felipe Oliveira Campos

Bolsistas Evely Heloise Pinheiro Ferreira e Tiffany Flores Dias

Diretor de Palco Sérgio Ferreira

Equipe Técnica e Administrativa de Palco Adalberto Alves de Souza, Diogo de Paula Ribeiro, Jonas Pereira Soares, Luiz Carlos Lemes, Matheus Alves Tomé, Sônia Ruberti e Vivian Miranda

Gestor de Cenotécnica Anibal Marques (Pelé)

Equipe Cenotécnica Everton Jorge de Carvalho, Juliano Bitencourt Mesquita, Marcelo Evangelista Barbosa e Samuel Gonçalves Mendes

Bolsistas Alicia Esteves Martins, Ana Carolina Yamamoto Angelo, Alicia Esteves Martins, Azre Maria Ferreira de Azevedo, Caio Henrique Menezes de Oliveira, Gabriely Barbosa da Silva, Julia Cristina Lopes Elias Cordeiro de Oliveira, Larissa Gabriele Trindade de Souza, Paulo Victor Pereira de Souza, Rodrigo Luiz Santos Machado, Tamiris de Moraes Hirata, William França da Conceição Nascimento e Winícios Brito Passos

Chefes de Maquinário Carlos Roberto Ávila, Marcelo Luiz Frosino e Paulo Miguel de Sousa Filho

Equipe de Maquinário Alex Sandro Nunes Pinheiro, Edilson da Silva Quina, Ermelindo Terribele Sobrinho, Igor Mota Paula, Ivaldo Bezerra Lopes, Jalmir Amorim da Conceição, Júlio César Souza de Oliveira, Manuel Lucas de Sousa Conceição, Odilon dos Santos Motta e Ronaldo Batista dos Santos

Chefe de Contrarregragem Edival Dias

Equipe de Contrarregragem Alessander de Oliveira Rodrigues, Amanda Tolentino de Araújo, Sandra Satomi Yamamoto

Coordenador de Recursos Humanos Amanda Alexandre de Souza Mota, Elizabeth Vidal de Lima, Janaina Aparecida Gomes Oliveira, Natali Francisca Vieira dos Santos e Priscilla Pereira Gonçalves	
Equipe de Segurança e Saúde do Trabalho Mateus Costa do Nascimento e Tamires Aparecida de Moraes Lanfranco Pires	
Corpos Artísticos	
Regente Titular Roberto Minczuk	
Primeiros Violinos Pablo de León (spalla)*, Alejandro Aldana (spalla)*, Adriano Mello, Edgar Leite, Fabian Figueiredo, Fábio Brucoli, Fernando Travassos, Francisco Krug, Heitor Fujinami, Liliana Chiriac, Martin Tuksa, Paulo Calligopoulos e Rafael Bion Loro Segundos Violinos Andréa Campos*, Maria Fernanda Krug*, Alexandre Pinatto de Moura, André Luccas, Djavan Caetano, Evelyn Carmo, Fábio Chamma, Helena Piccazio, John Spindler, Mizael da Silva Júnior, Oxana Dragos, Renato Marins Yokota, Ricardo Bem-Haja, Roberto Faria Lopes, Ugo Kageyama e Wellington Rebouças Violas Alexandre de León*, Silvio Catto*, Abrahão Saraiva, Adriana Schincariol, Bruno de Luna, Eduardo Cordeiro, Eric Schafer Licciardi, Jessica Wyatt, Lianna Dugan, Pedro Visockas e Roberta Marcinkowski Violoncelos Mauro Brucoli*, Raíff Dantas Barreto*, Cristina Manescu, Joel de Souza, Mariana Amaral e Teresa Catto Contrabaixos Brian Fountain*, Tais Gomes*, Adriano Costa Chaves, André Teruo, Miguel Dombrowski, Sanderson Cortez Paz, Vinicius Frate e Walter Müller Flautas Marcelo Barboza*, Renan Mendes*, Andrea Vilella, Cristina Poles e Jean Arthur Medeiros Oboés Rodrigo Nagamori*, Marcos Mincov e Rodolfo Hatakeyama Clarinetes Camila Barrientos Ossio*, Tiago Francisco Naguel*, Diogo Maia Santos, Domingos Elias e Marta Vidigal Fagotes Matthew Taylor*, Marcos Fokin*, Facundo Cantero, Marcelo Toni e Vivian Meira Trompas André Ficarelli*, Thiago Ariel*, Daniel Filho, Eric Gomes da Silva, Rafael Fróes, Rogério Martinez e Vagner Rebouças Trompetes Daniel Leal*, Fernando Lopez*, Eduardo Madeira e Thiago Araújo Trombones Eduardo Machado*, Raphael Campos da Paixão**, Jonathan Xavier e Marim Meira Tuba Luiz Serralheiro* Harpas Jennifer Campbell* e Paola Baron* Piano Cecília Moita* Percussão Marcelo Camargo*, César Simão, Magno Bissoli e Thiago Lamattina Timpanos Danilo Valle* e Marcia Fernandes* Coordenadora Mariana Bonzanini Analista Administrativa Barbarah Martins Fernandes Coordenador Técnico Carlos Nunes Auxiliar Administrativa Priscila Campos / *Chefe de naípe **Músico convidado	
Orquestra Sinfônica Municipal	
Coro Lírico Municipal	
Regente Titular Interina Érica Hindrikson	
Primeiros Sopranos Adriana Magalhães, Berenice Barreira, Caroline De Comi, Claudia Neves, Elizabeth Ratzersdorf, Graziela Sanchez, Laryssa Alvarazi, Ludmila de Carvalho, Marivone Caetano, Marta Mauler, Rita Marques, Rosana Barakat, Sandra Félix e Sunhee Park Segundos Sopranos Angélica Feital, Antonieta Bastos, Elaine Morais, Elayne Caser, Jacy Guarany, Juliana Starling, Márcia Costa, Milena Tarasiuk, Monique Rodrigues e Rosana Barakat Mezzo Sopranos Ana Carolina Sant'Anna, Carla Campinas, Cláudia Arcos, Heloisa Junqueira, Joyce Tripiciano, Juliana Valadares, Keila de Moraes, Lígia Monteiro, Mônica Martins, Robertha Faury e Zuzu Belmonte Contraltos Celeste Moraes, Clarice Rodrigues, Elaine Martorano, Lidia Schäffer, Magda Painno, Margarete Loureiro, Maria Favoinni e Vera Ritter Primeiros Tenores Alexandre Bialecki, Antônio Carlos Britto, Dimas do Carmo, Eduardo Góes, Eduardo Trindade, Luciano Silveira, Marcello Vannucci, Miguel Geraldi, Rubens Medina e Walter Fawcett Segundos Tenores Alex Flores, Eduardo Pinho, Fernando de Castro, Gilmar Ayres, Luiz Doné, Paulo Chamié Queiroz, Renato Tenreiro, Rúben de Oliveira, Sérgio Sagica e Valter Estefano Barítonos Alessandro Gismano, Daniel Lee, David Marcondes, Diógenes Gomes, Eduardo Paniza, Guilherme Rosa, Jang Ho Joo, Jessé Vieira, Marcio Marangon, Miguel Csuzlinovics, Roberto Fabel, Sandro Bodilon e Sebastião Teixeira Baixos Ary Souza Lima, Cláudio Guimarães, Leonardo Pace, Marcos Carvalho, Orlando Marcos, Rafael Leoni, Rafael Thomas, Rogério Nunes e Sérgio Righini Pianistas Leandro Luiz Roverso e Marcos Aragoni Coordenadora Thais Vieira Gregório Inspetor Bruno Farias	

Gerente de Comunicação Elisabete Machado Soares dos Santos Equipe de Comunicação André Felipe Costa Santa Rosa Lima, Francielli Jonas Perpetuo, Guilherme Dias de Oliveira, Gustavo Quevedo Ramos, Karoline Marques da Conceição, Larissa Lima da Paz, Laureen Cicaroli Dávila, Leticia Silva dos Santos, Tatiane de Sá dos Santos e Winnie dos Santos Affonso	
Gerente de Parcerias e Novos Negócios Luciana Gabardo dos Santos Supervisoras de Parcerias e Novos Negócios Giovanna Campelo e Nathaly Rocha Avelino Equipe de Parcerias e Novos Negócios Matheus Ferreira Borges, Thamara Cristine Carvalho Conde e Vitória Terlesqui de Paula Equipe de Atendimento ao Público Ana Luisa Caroba de Lamare, Juliana da Silva, Marcella Relli e Rosemeire Pontes Carvalho Supervisor de Bilheteria Jorge Rodrigo dos Santos Equipe de Bilheteria Bruna Eduarda Cabral da Silva, Claudiana de Melo Sousa, Flavia dos Santos da Silva e Maria do Socorro Lima da Silva	
Coordenador de Planejamento e Monitoramento Douglas Herval Ponso Equipe de Planejamento e Monitoramento Ananda Stucker, Milena Lorana da Cruz Santos e Thamella Thais Santana Santos Coordenadora de Captação de Recursos Heloise Tiemi Silva	
Gerente de Patrimônio e Arquitetura Eduardo Spinazzola Equipe de Patrimônio e Arquitetura Angelica Cristina Nascimento Macedo, Juliana de Oliveira Moretti, Mariana Orlando Tredicci e Raisa Ribeiro da Rocha Reis	
Gerente Geral de Operações e Finanças Helen Márcia Valadares Meireles Carvalhaes	
Coordenador de Operações Mauricio Souza Coordenador de Manutenção Stefan Salej Gomes Equipe de Infraestrutura e Gestão Predial Carolina Ricardo, Elias Ferreira Leite Junior, Fernanda do Val Amorim, Gustavo Giusti Gaspare e Leandro Maia Cruz Aprendiz Yasmin Antunes Rocha	
Equipe de TI Carlos Eduardo de Almeida Ferreira e Romário de Oliveira Santos Aprendiz Igor Alves Salgado	
Equipe de Finanças Jéssica Brito Oliveira e Michele Cristiane da Silva Equipe de Contabilidade Aurili Maria de Lima e Vanessa Oliveira de Abreu Equipe de Controladoria Erica Martins dos Anjos Aprendiz Paloma Ferreira de Souza	
Coordenador de Compras Raphael Teixeira Lemos Equipe de Compras Eliana Moura de Lima, Leandro Ribeiro Cunha, Paulo Henrique Risseri e Thiago Faustino Aprendiz Suiany Olher Encinas Racheti Supervisora de Logística Aline de Andrade Nepomuceno Barbosa Equipe de Logística Arthur Luiz de Andrade Lima, Marcos Aurélio Vieira do Nascimento Samora e Raimundo Nonato Bezerra Equipe de Contratos e Jurídico Aline Rocha do Carmo, Douglas Bernardo Ribeiro e Lucas Serrano Cimatti Aprendiz Pedro Henrique Lima Pinheiro Coordenadora de Recursos Humanos Renata Aparecida Barbosa de Sousa Equipe de	

Coral Paulistano

Regente Titular Maira Ferreira
Regente Assistente Isabela Siscari

Sopranos Adriana Hye Kim, Aymée Wentz, Dênia Campos, Eliane Aquino, Indhyra Gonfio, Larissa Lacerda, Luciana Crepaldi, Marly Jaquiel, Narilane Camacho, Raquel Manoel, Rose Moreira, Samira Hassan, Sira Milani e Vanessa Mello **Contraltos** Adriana Clis, Andréia Abreu, Gilzane Castellan, Helder Savir, Ivy Szot, Lúcia Peterlevitz, Regina Lucatto, Silvana Ferreira, Taiane Ferreira, Tania Viana e Vera Platt **Tenores** Fabio Diniz, Fernando Grecco, Fernando Mattos, José Palomares, Marcio Bassous, Marcus Loureiro, Pedro Vaccari, Ricardo Iozzi e Thiago Montenegro **Baixos** Ademir Costa, Jan Szot, Jonas Mendes, José Maria Cardoso, Josué Alves, Marcelo Santos, Paulo Vaz, Xavier Silva e Yuri Souza **Pianistas** Renato Figueiredo e Rosana Civile **Gerente** Valdemir Silva **Inspetor** João Blasio **Auxiliar Administrativa** Ana Flávia Costa

Quarteto de Cordas da Cidade de São Paulo

Violinos Betina Stegmann e Nelson Rios
Viola Marcelo Jaffé
Violoncelo Rafael Cesario

Orquestra Experimental de Repertório

Regente Titular Wagner Polistchuk
Regente Assistente Leonardo Labrada

Primeiros Violinos Cláudio Micheletti**, Bárbara Andrade, Camila Flor Aguiar, Diana Leal Alves, Gabriel Henrique Antunes Campos, Gabriel Mira, Gabriel Pereira Vieira, Gabriel da Silva Oliveira, Igor Dutra, Matheus Silva Pereira, Nádia Fonseca, Natan Janczak de Oliveira, Pedro Henrique Escher Tostes de Castro, Robertson Rodrigues de Paula, Sara Pomim de Oliveira e Vitória Lopes Martinez Canário **Segundos Violinos** Willian Gizzi*, Brunno Rodrigues, Camila Marquez Matte, Carolina Thomaz Ribeiro, Cesar Augusto, Cesar Vinicius Batista de Lima, Gustavo Martz, Igor de Moraes Forte, Joaquim Guilherme Veiga, Luan Henrique Araújo, Lucas Araújo Olanda, Lucas Vinicius, Luis Felipe Tavares da Silva, Pedro Monteiro Silva e Raissa Mitiko Laurenti **Violas** Estela Ortiz*, Eliabe Arruda, Francismar Augusto Ramos Silva, Gilvan Dias Calsolari, Guilherme Santos Santana, Igor Vinicius Borges, Lucas Magalhães Borges e Victor Rodrigues Ribeiro **Violoncelos** Júlio Cerezo Ortiz*, Daniel Sousa Lima, Diego Pereira, Giovanni Ribeiro Vaz da Costa, José Carlos Mendoza Oropeza, Mateus Paulino Moreira, Matheus Cavalari dos Santos, Matheus Maldonado de Souza e Peppi Matheus de Araújo **Contrabaixos** Alexandr Iurcik*, Caique Carriel da Silva, Daniel do Amaral Mengarelli, João Paulo Rocha Nunes, Kaique Souza Mendes Ferreira, Leonardo Oliveira de Lima, Marcos Antonio Gomes Júnior e Tony Marciel Magalhães **Flautas** Paula Manso*, Ana Carolina Barbosa, Giovana Dilio e João Vitor Dias Mendes **Oboés** Gutierre Machado*, Luis Felipe Mittaragis e Renato Vieira Filho **Clarinetes** Alexandre F. Travassos*, Danilo Aguiar de Paula, Josué Rodrigues dos Santos Junior e Laís Francischinelli **Fagotes** José Eduardo Flores*, João Luis Maciel da Silva, Mateus Almeida e Samyr Imad Costa **Trompas** Wesley Lima*, Danilo de Oliveira Nunes, Douglas Donizeti de Souza Ferreira, Leonardo Rodrigues, Kevin Juan Farage dos Santos e Pedro Neto **Trompetes** Luciano Melo*, Erick Domingues Silva, Jonas Ricarte dos Santos e Rafael Dias **Trombones** João Paulo Moreira*, Eli Pereira dos Santos, Esteban Sebastian Vicente Ruiz Mendo, Igor Filipe Taveira dos Santos e Matheus Bretas Marques Menezes **Tuba** Sérgio Teixeira* **Percussão** Richard Fraser*, Ana Luiza Cassarotte, Guilherme Araújo Florentino, Jefferson Silva Barbosa e Renan Ladislau Santos **Harpa** Suelem Sampaio* **Piano** Lucas Gonçalves* **Coordenador Artístico** Pedro Pernambuco **Inspetor** Boris Romão Antunes **Produtor de Palco** Renato Lotierzo **Montadores** José Neves e Paulo Codato
*Monitor **Spalla

Balé da Cidade de São Paulo

Diretor Artístico Alejandro Ahmed
Coordenadora Artístico-Administrativa Fernanda Bueno
Coordenação de Ensaio Carolina Franco e Roberta Botta
Coordenador Técnico Gabriel Barone
Coordenadora de Iluminação Sueli Matsuzaki
Maitre de Ballet Liliane Benevento
Professor de Balé Clássico Gustavo Lopes*
Professora de loga Stella Crippa*
Pianista Beatriz Francini
Técnico de Som Leandro Lima
Contrarregra Alessander Rodrigues
Assistente Administrativo Letícia Manginelli
Fisioterapia Reactive*

Bailarinos Alyne Mach, Ana Beatriz Nunes, Antônio Carvalho Jr., Ariany Dâmaso, Bruno Rodrigues, Camila Ribeiro, Carolina Martinelli, Cleber Fantinatti, Erika Ishimaru, Fabiana Ikehara, Fabio Pinheiro, Fernanda Bueno, Grecia Catarina, Harry Gavlar, Isabela Maylart, Jessica Fadul, Leonardo Hoehne Polato, Leonardo Muniz, Leonardo Silveira, Luiz Crepaldi, Luiz Oliveira, Manuel Gomes, Marcel Anselmé, Márcio Filho, Marina Giunti, Marisa Bucoff, Odu Ofá, Rebeca Ferreira, Renata Bardazzi, René Weinstrof, Uátilla Coutinho, Victor Hugo Vila Nova, Victoria Oggiam e Yasser Díaz

*Prestadores de serviço

Expediente da Publicação

Consultoria Artística para Elencos – Óperas e Temporada Sinfônica Pedro Guida
Design Casa Rex
Edição de Conteúdo Elisabete Machado e Laureen Cicaroli Dávila / Equipe de Comunicação do Theatro Municipal
Revisão Ciça Corrêa
Produção Gráfica Karoline Conceição e Winne Affonso / Equipe de Comunicação do Theatro Municipal
Fotos Larissa Paz, Rafael Salvador e Stig de Lavor



Informações e ingressos theatromunicipal.org.br

Acompanhe nossas redes sociais:

Theatro Municipal

 @theatromunicipalsp

 @theatromunicipal

 /theatromunicipalsp

 @theatromunicipal

Theatro Municipal

 @pracadasartes

 @pracadasartes

Para uma experiência segura, confira o manual do espectador,
disponível em: theatromunicipal.org.br/manualdoespectador

Programação sujeita a alteração.



realização:

 **SUSTENIDOS**
Organização Social de Cultura

Theatro Municipal
de São Paulo



MINISTÉRIO DA
CULTURA





COMPLEXO
THEATRO
MUNICIPAL